

INTRODUÇÃO

Desenvolveu-se o mais aprofundadamente possível uma pesquisa etnográfica em torno da unidade presente neste não-lugar, neste Limbo... Calais. Essa pesquisa culminou no presente trabalho. Um dos aspectos que se pretende aqui ressaltar é a sua essência defeituosa. Poderíamos estipular que todos os trabalhos etnográficos são defeituosos e sendo então o primeiro, o etnógrafo vê-se confrontado com o desconhecido que tanto fascina, contudo este fascínio tende a turvar a vista do pesquisador quando inserido devidamente na unidade (por *devidamente* quero dizer ser parte e não de parte desta) contudo considero plausível neste momento dizer que este tipo de contacto, um contacto próximo pode por vezes ter o efeito oposto ao desejado não antevendo que a proximidade pode também cegar. Com este comentário coloco-me no centro da questão e aponto também, o perigo do desconhecido, esse que fascina. Quero ressaltar que ao afirmar que me “coloco no centro da questão” com tal digo que não é só um relato de experiencia em Calais, é também um relato de experiencia do *eu*, do etnógrafo e do humano. Optou-se por não tratar as notas dos diários (de campo e pessoal), assim foram transcritas tal e qual como foram produzidas na tentativa de deixar reflectir a “pureza” do contexto e estado de que foram retiradas, as condições e o estado de espirito do momento.

A paixão pela etnografia não esmorece mas os fantasmas que esta traz levou-me a avaliar tudo o que foi aprendido, lido e estudado e, não pretendendo aqui desvalorizar toda a contribuição antropológica que aparentemente “*mais confunde do que explica*” pretendo sim propor-me a um estudo ainda mais aprofundado das suas raízes e dos meus ainda inúmeros *desconhecidos*.

Neste projecto a metodologia foi extensivamente descrita uma vez que se tentou encontrar uma “verdadeira etnografia”, “o método correcto” de o fazer e de tal só advieram mais problemas epistemológicos.

Neste ponto apoiei-me principalmente em três autores com vistas concomitantes e com uma perspectiva e abordagem que se considera plausível e alertando sempre para o campo da relatividade e interpretação dúbia, talvez vocábulo demasiado forte, quer-se com tal dizer que considerando que todo o ser humano é um ser “construído”, “formatado”, “sociabilizado” emprega os seus conjuntos de crenças para tecer os seus

valores e o problema reside no facto de não conseguir ver para além de si e do que lhe é familiar.

A etnografia tem que se preocupar com algo extremamente abstracto, Calais não é uma excepção à regra.

This year marks the centenary of Louis Blériot's famous channel crossing. In July 1909 he decided to try for the 1000 pounds prize offered by The Daily Mail, flying from the cliffs of Sangatte to Dover Castle. In July 2009, the Daily Mail recreated the flight, to commemorate the "instant hero" and exceptional pioneer". Why is one man a hero, whilst others, risking their lives to cross the channel under trains and lorries, attempting to cross in boats, or swimming out to ferries, are slanderously portrayed as rapists and knife-wielding robbers? (NB in CMS, 2009)

Em termos geográficos, Calais fica a 170km de Bruxelas, contudo não é por essa razão que as pessoas lá se encontram, e ainda se considera importante assinalar a proximidade entre situações como estas, e demonstrar a hipocrisia estendida ao longo de uma costa que mais se assemelha ao limbo. Para estas pessoas sem papéis, e para todos nós, a razão de estarem aqui é a promessa da felicidade, da vida estável, sem medos, num país que nos pode abrigar. Uma nação que possa assegurar que não seremos mais perseguidos ou maltratados, que não nos faltará comida, onde poderemos ser quem somos e dizer o que queremos, onde possamos trabalhar e prosperar, já que nas nossas terras esses sonhos nos foram roubados. "Cruzar" (*to cross*) para a Inglaterra, é o termo mais ouvido e usado para verbalizar esta busca incessante.

Calais é uma cidade de passagem, o caminho para o porto - ou portal para a outra vida - vida essa que nos é devida. Encaremo-lo como portal ilusório na ânsia de felicidade, pois ela não existe sem liberdade.

Uso aqui o termo "nós" uma vez que no momento em que este excerto foi escrito, era incapaz de fazer uma distinção clara e instantânea de quem era, sendo eu, naquele momento, um dos "eles" e todos um "eu".

A dicotomia Nós/Outros é acompanhada de uma hierarquização social – estreitamente ligada à construção da noção de "desvio" enquanto falta/limitação percebida nas estruturas psicológicas do "outro", a corrigir pelo processo da sua transformação num como "nós". (Pusseti et al., 2009:109)

A cidade é escura, insalubre, caracterizada pelos enormes armazéns, maquinaria... é um lugar de passagem seja para os turistas e viajantes, seja para o número atordoador de humanos que por “vicissitudes do destino”, não tem identificação e tentam cruzar a fronteira “ilegalmente” – “nenhum homem é ilegal” (Rodrigues, 2006: 2).

A maioria dos habitantes permanentes desta cidade demonstra uma indiferença tremenda em relação à situação dos humanos *san-papiers*, (fazendo-me recordar o excerto que adiante transcrevo), colocando-os no campo do invisível ou adoptando, maioritariamente, uma postura xenófoba, racista e desumana:

Camus presents us with the example of Hitler-era Germany to demonstrate one possible outcome of racism left unchecked. Clearly, the majority of the French would be scandalized by this comparison but, as Camus explains, in so far as their apathy permits such racism to be socially acceptable, the people share a certain level of complicity in a situation like World War II Germany.² If they refuse to recognize the presence of the aforementioned signs of racism, it is impossible to find a resolution. I suggest that the signs of racism have become so acceptable in France that no one even realizes they exist and therefore, if the signs of racism cannot be identified, neither can they be avoided. (Zerwick, 2006: 2-3)

Zerwick (2006) frisa esta situação enunciando o assédio público aos judeus pelos franceses e o conseqüente vandalismo, bem como as revoltas e o racismo que surge como resposta ao que se considera uma ameaça para os cidadãos franceses. Tomando como exemplo a “*Le Front National Pour l’unité Française*”, que foi criada em resposta aos “invasores” e actuava segundo a premissa de que a integridade cultural tradicional de França estava ameaçada pelo grande fluxo migratório, referindo-se ao maioritário fluxo de origem Árabe. Contudo, deve destacar-se que esta surja após declives económicos devido à crise petrolífera e o conseqüente aumento do desemprego, apontando o migrante como o “ladão de trabalho” e fortalecendo o espírito nacionalista francês, voltando às matrizes desta frente e à ribalta da década de 80 do século XX. Imagem essa que ainda hoje se perpetua como verificado neste exemplo, ou em outros tantos dos autores aqui enunciados.

O mundo é de quem não sente. A condição essencial para se ser um homem prático é a ausência de sensibilidade. A qualidade principal na prática da vida é aquela qualidade que conduz à acção, isto é, a vontade. Ora há duas coisas que estorvam a acção - a sensibilidade e o pensamento analítico, que não é, afinal, mais que o pensamento com sensibilidade. Toda a acção é, por sua natureza, a projecção da personalidade sobre o mundo externo, e como o mundo externo é em grande e principal parte composto por entes humanos, segue que essa projecção da personalidade é essencialmente o atravessarmo-nos no caminho alheio, o estorvar, ferir e esmagar os outros, conforme o nosso modo de agir.

Para agir é, pois, preciso que nos não figuremos com facilidade as personalidades alheias, as suas dores e alegrias. Quem simpatiza pára. O homem de acção considera o mundo externo como composto exclusivamente de matéria inerte - ou inerte em si mesma, como uma pedra sobre que passa ou que afasta do caminho; ou inerte como um ente humano que, porque não lhe pôde resistir, tanto faz que fosse homem como pedra, pois, como à pedra, ou se afastou ou se passou por cima.

Fernando Pessoa, *in* O Livro do Desassossego

Falando de direitos humanos, Santos defende que enquanto forem concebidos como universais “*tenderão a operar como localismo globalizado*”, para conseguirem influir como globalização contra-hegemónica, necessitarão de reconceptualização, passando de universais para multiculturais. “*(...) contrariando o discurso hegemónico – é precisamente no campo dos direitos humanos que a cultura ocidental tem de aprender com o sul para que a falsa universalidade atribuída aos Direitos Humanos no contexto imperial seja convertida, na translocalidade do cosmopolitismo, num dialogo intercultural.*” (Santos, 1997)

Pela primeira vez na história todas as pessoas, grupos étnicos e religiosos e as populações têm um presente comum: cada povo se tornou vizinho imediato de outros e os abalos em uma grande parte do globo terrestre se propagam em grande velocidade para o conjunto da população do planeta. Porém, este presente fático e comum não se baseia em um passado comum nem garante de nenhuma forma um futuro comum. (Beck *in* Pussetti *et al.*, 2009: 145)

As políticas de asilo empreendidas pelas autoridades de Calais apoiando-se na premissa de sustentabilidade funcionam como gatilho para a implementação do controlo social em “*prol do ambiente*” e como forma de assegurar que as normas são cumpridas e os cidadãos protegidos.

Explicarei posteriormente as razões que me levaram a Calais mas transcrevo um exemplo bem diferente para que se possa desde este ponto tentar perceber, interpretar parte desta unidade e as razões para que estes humanos san-papiers ali se encontram:

When I left my country there are many problems from the government. That is why I left. I passed through the Sahara to Libya. It was very difficult to travel through Libya. I was 3 years there; they put me in prison for 1.5 months. After I get free from the prison I made my way to Europe.

The border is very hard. I come to Europe by sea, in a small boat with 27 people, including two women with children. One was 2 months old. Never eating, never sleeping, never drinking.

We arrived in Lampedusa, we were three days there and they send me to Brindisi. There were big problems here between communities coming from Eritrea and Sudan. The Sudanese they send to another city. We were 75 Sudanese and 200 person from Eritrea. The police broke my mind here.

Thy arrested me and two people. 1 person can now remember nothing. He lost his mind. And me I was broken. My friend can not remember anything now. From here we stayed in prison for 5 months. I made a hunger strike for 3 days and asked for translators but they refused. Only they did bring one english speaker. I do not speak English.

In detention there were too much people – 2800 refugees. They got taken to court slowly some got papers others not. Some people got papers if they gave money.

When people got papers the time was different for each person. They are racist. Some people got 3 months, some 6 months, some 1 year etc. When we try to get new papers when they finish we get so much trouble.

This is why I leave Italy, to look for new life. So why did I come to France?

There was no food, no job, no shelter in Italy. Even with papers. Even I don't have place to live, life is very bad. So I need to come to France to try to enter the UK.

Now I am here in Calais, France. With police problems, no place to sleep. I can not walk free here, I can not sleep in a squat, all the time police coming. This is number one problem in Calais. It is difficult to find a place to go to UK. Some good people help us find squat here, I like to thank the good people in Calais. Many people are bad here.

And the french state....Now winter life is hard. We need squats and a roof over our head. Police continue to close squats and other people we don't know who they are. Maybe they work with the government. They kick us out of squat. This is very hard.(NB in CMS, 2013)

1. METODOLOGIA

Enquanto estudante de antropologia médica, e ainda perdida com milhões de questões para a dissertação, encontrava-me em conversa com uma amiga, falávamos da situação de Patras, e da actuação dos NoBorders, (descreverei as bases e conceitos deste grupo mais adiante), grupo à qual me sinto afiliada, e mencionámos a situação hedionda em Calais, chegando eu à conclusão de que seria uma óptima oportunidade, como antropóloga e activista, um bom tema para a dissertação e simultaneamente um incentivo à minha veia militante.

Sabia que os NoBorders eram bastante activos naquela área e decidi ir como antropóloga e activista.

No site Calais Migrant Solidarity, encontrei os contactos, enviei um e-mail dizendo que iria para Calais com estes dois papéis, ao que responderam prontamente, telefonaram-me e disseram que seria bem vinda mas que teríamos que discutir o conteúdo da pesquisa e que não deveria pôr o meu papel de antropóloga acima do de activista. Combinámos a minha chegada para 22 de Agosto, uma vez que à altura do telefonema havia muitos activistas presentes e que a minha ajuda seria preciosa mas mais adiante.

Não quis pesquisar nada, não queria saber o que quer que fosse acerca de Calais, não quis levar comigo já uma imagem quase dogmática do que se iria encontrar, quis antes ter um olhar de dentro, e não pelo que os outros pensavam saber sobre Calais, agindo do mesmo modo para qualquer fenómeno a que me proponho a explorar, tentando afastar-me o mais possível do que foi já dito ou escrito, tentando evitar conceitos pré-concebidos.

“ (...) embora não seja possível separar a ordem da desordem, o certo é que a modernidade avivou a consciência da desordem, a tal ponto que o recurso às explicações pela ordem vai fazendo cada vez mais apelo à desordem. Ou seja, a atenção é dada, presentemente, ao conflito, à instabilidade, à assimetria, à diversidade (Touraine, 1984). A desordem, o inesperado e a turbulência fascinam; a banalidade transforma-se em mistério; a vida quotidiana é vista como uma encruzilhada mágica entre rotinas e rupturas. A própria mudança social deixou de ser teorizada a partir de proposições de validade genérica e passou a ser avaliada através do circunstancial, do possível, do conjuntural. À desordem do social parece corresponder um anarquismo do olhar sociológico.” (Pais, 2006:255)

Quando imaginava Calais, sempre descrito como “Campo de refugiados”, imaginava um cenário ainda mais devastador do que aquele com que me confrontei. Mas o *limbo* não parece, agora, pior do que estes. É o ir e o ficar, o poder e não poder, é o viver em duas realidades (grande parte três se nos atentarmos nos países de origem). A maioria dos indivíduos não tem papeis, outros são falsos e outros já expirados, provenientes dos países de passagem, ou falsificados. Como pode um pedaço de papel ser a causa e a solução, livre ou não livre, apta ou não...

Desenvolvi em Calais entre Agosto de 2012 e Março de 2013, uma pesquisa etnográfica que culminou num estudo de caso. Esta pesquisa foi realizada no âmbito de cumprir parte dos regulamentos como modo de obter o grau de Mestre no âmbito do Mestrado em Antropologia Médica, leccionado no Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, financiado por Rosa Maria Machado.

Esta investigação alicerçou-se, metodologicamente, em diferentes técnicas de pesquisa, que passo a indicar:

Durante cerca de 6 meses, fiz 3 visitas a Calais, onde realizei observação-participante como antropóloga e activista, convivendo, diariamente, com os humanos *san-papiers* que ali esperavam a hora de deixar o Limbo e ir para a terra prometida. Durante esse período pude manter longas conversas, criar laços e relações. O intuito inicial da pesquisa tinha como foco escrever sobre agentes sociais deslocados de zonas remarcadas, devido a conflitos políticos e sociais, agentes sociais *san-papiers* e as vicissitudes do destino que ter-lhes-iam ocorrido para procurarem Calais como cidade de passagem; bem como abordar todo o universo referente às questões legais do pedido de asilo no Reino Unido, contudo o rumo da pesquisa redirecionou-se devido às problemáticas de quem está a tentar atravessar, uma vez que a escolha do *ego* não é um processo simples, matemático, definitivamente perfeito e imutável, obviamente que torna o processo nunca suficientemente abrangente. Alguns dos egos “escolhidos” partiram e a minha pesquisa voltou à estaca zero, o trabalho esfumou-se... mas que outra coisa poderia esperar? Humanos que se encontram no *Limbo*...

Excerto diário de campo

(...) que outra coisa poderia pedir? Não vás, espera um pouco para terminar a pesquisa académica? Foda-se isso e foda-se isto! Quantas vezes mais vou ter de recomeçar? Talvez seja mais fácil meter-me na porra do camião e fazer as entrevistas enquanto nos dirigimos para Inglaterra, Bélgica (quando se apanha a boleia errada) ou possivelmente, Coquelle!!!

“Considerando, no entanto que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. (...) partindo de questões amplas que vão se alterando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode no entanto, ser conduzido através de caminhos diferentes (...) Um caso interessante pode surgir diante do pesquisador sem que o tenha deliberadamente procurado, mas isso não é comum. A escolha da unidade a ser investigada é feita tendo em vista o problema ou a questão que preocupa o investigador. (Goday 1995:21-26.)

Tentou mudar-se o rumo da pesquisa visando focá-la em três casos, três histórias de vida com razões que não considero menos válidos ou importantes e assim, durante algum tempo foquei-me nos agentes sociais que não tinham como força motriz a luta pela vida, ou seja, não sentindo que a sua vida está/estava em risco, contudo mais uma vez o projecto se apresentou com mais dificuldades e obstáculos devido ao tempo, a razão para esta escolha prende-se com o seguinte, ainda que não se tema pela vida, devido a perseguições ou conflitos, a travessia não se torna menos perigosa. E serão mencionados dois destes humanos que se viam impossibilitados de atravessar. O tempo em Calais “não passa mais rápido” (senti que lá estive uma vida); outra das razões para a mudança de tema prende-se com princípios éticos, os quais me reservo ao direito de não enunciar. Uma vez que existe já uma vasta literatura acerca do número, razão e nacionalidade, focando os agentes sociais em Calais que buscam asilo, abordarei a questão em grande escala, uma vez que considero que 99% dos agentes sociais que se encontram em Calais, pondo a *grosso modo*, pertencem à categoria de refugiado. Contudo o tempo não foi suficiente para tal e mudou-se de novo a direcção do estudo de caso, focando na unidade e com especial protagonismo os humanos *san-papiers* maioritariamente *refugiados*, e tentativa de atravessar para o Reino Unido para requerer asilo mas mais um obstáculo surgiu devido ao número de páginas condicionantes.

Optou-se final e fortemente por fazer um relato de experiência, um estudo de caso. Considero que a abordagem qualitativa é a mais viável, uma vez que o fenómeno em estudo será melhor compreendido, a pesquisa será mais profunda e mais rica, considerando que o estudo do fenómeno é feito no seu contexto existe um processo de reconhecimento tanto para os agentes sociais em estudo como para o pesquisador, um processo de inserção e integração, o que, quanto a mim, torna a pesquisa bastante mais frutífera. De acordo com o meu ponto de vista, o pesquisador deve ir para o campo e tentar apreender o fenómeno em estudo a partir da perspectiva dos agentes sociais e tentar estabelecer paralelismos simbólicos dos actos.

Geertz é considerado o criador da antropologia interpretativa ou hermenêutica, uma das vertentes é fortemente influenciado por Max Weber, e defende, tal como este, um conceito semiótico, crendo que o *“homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essa teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”* (Geertz, 1978:15). Analisando esta teia, o antropólogo tem de decifrar os significados através das relações estabelecidas entre si, procurando uma interpretação semiótica do alvo em causa. Fazer etnografia *“é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos”* (Geertz, 1978: 20). Partindo do princípio que uma boa descrição é por si mesma densa e que essa densidade implica interpretação, ajuda o próprio antropólogo a melhor entender com o que tem que lidar em campo; um dos exemplos dados por Geertz é conseguir fazer a distinção entre uma piscadela e um tique nervoso, e, extremamente importante, concluir que os dados passam indubitavelmente pelo elo da significação. É necessário perceber como os símbolos funcionam, como operam, como o antropólogo cria afinidades e transforma algo “estranho” em algo que também lhe é familiar e vice-versa, procurando uma melhor compreensão e logo, um melhor entendimento da unidade em estudo, ou seja, segundo Geertz, o antropólogo deve familiarizar-se e tentar perceber os diferentes níveis de significado que as práticas apresentam para o grupo, anotando tudo o mais detalhadamente possível, compreender o óbvio e o subtil, aprendendo a lógica do outro, chegando ao ponto de se estranhar a si mesmo:

“Aplicando esta análise às pautas culturais da vida em grupo, com Schutz podemos concluir que aos membros de um endogrupo lhes basta um só olhar para

definir as situações que confrontam, adoptando imediatamente a “receita” apropriada para lidar com elas. Em tais situações, suas actuações mostram todos os sinais do “habitual”. Isto é possível porque as “receitas” correntes conferem a actores típicos, soluções típicas para problemas típicos.” (Pais, 2006:340)

É necessário apreender o conjunto, o todo, desde a sua génese, vivência e transmissão, não a interpretação e explicação isoladamente, desprovidas de contexto, sendo a cultura sempre pública porque o seu significado também o é. (Geertz, 1978)

Complementado por Pais:

“os laços sociais podem ser produzidos por interdependência duncional, por uma comunidade de crenças, por busca de sentidos para a vida, por imperativo de satisfação de necessidades materiais em associação com outras. (...) a vida é simultaneamente individual e social, vivida e convivida, e é dessa convivência (ou falta dela) que resulta a afirmação das individualidades que se projectam no outro que, reflexivamente, se projecta nessas mesmas individualidades.” (Pais, 2006:20)

Não menosprezo a importância da pesquisa documental, este modo, dependendo do fenómeno a ser estudado, por vezes apresenta-se como o mais viável. Tome-se como exemplo o *dossier* compilado sobre a alçada de Foucault (1977) “*Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e o meu irmão*”. Goday (1995) enumera como vantagens e como único método viável para o tratamento de determinados fenómenos, dando como exemplo os agentes sociais a que não se pode ter acesso físico seja porque já pereceram ou então estão distantes. Este género de pesquisa não me serve, (gosto de ler livros mas gosto mais ainda de tentar ler pessoas). O antropólogo descreve-explica-interpreta sentidos/significados do outro, mas sem ser um outro, a experiência etnográfica aproxima-o mas não o transforma. Procura uma experiência única, a partir de dentro, do outro, mas o antropólogo, não sendo o outro, imagina o outro, imagina o que é *ser outro*. Deste modo, a experiência etnográfica é ilusória, transmite/descreve o que o antropólogo imagina do outro e não o outro em si. “*O observador não é um ser neutro.*” Geertz (1978) diz que se deve conversar com o *nativo*, e observar os dados pelo mesmo prisma, tentando através de alegorias ou analogias, descrever como tal objecto ou tal acto age na sua sociedade e algo com o qual possa ser comparável, para percebermos o seu grau de importância. Ainda este autor, pelo qual sou fortemente influenciada, crítica um tipo de antropologia de segunda e terceira mão, ou seja, quando a informação provém de alguém que proporcionou informações, *um não nativo*, e interpretou de acordo com pressupostos pessoais, enfatizando a necessidade do contacto

entre antropólogo e unidade em estudo. *“O antropólogo tem que ter a capacidade para desvendar o que sucede na sociedade em estudo.”* (Geertz, 1978) Enunciando ainda os problemas advindos da falta de documentação e, principalmente, pela falta de documentação contendo informação correcta (interpretação pessoal).

O documento dificilmente consegue expressar a linguagem corporal que demonstra muitas vezes o contrário do que é dito. Quantos indivíduos encontrei com histórias memorizadas e ensaiadas, mentiras que são só reconhecíveis pelo contacto prolongado com o agente social. Se o lesse numa entrevista, provavelmente tomá-lo-ia como facto - com facto refiro-me ao que Foucault refere como *a verdade que é um erro* (Foucault, 2002) - todavia, e obviamente, faria a minha própria interpretação e daí adviria um outro problema epistemológico, a leitura em segunda mão.

“Toda e qualquer informação que veicule um conjunto de significações de um emissor para um receptor pode, em princípio, ser decifrada pelas técnicas de análise do conteúdo. Partindo do pressuposto de que por detrás do discurso aparente, simbólico e polissêmico esconde-se o sentido que se deve procurar desvendar. Uma vez, que o conteúdo latente do discurso e dos actos, o sentido do que se encontra por trás do imediatamente apreendido, é de extrema importância para o investigador.” (Goday, 1995:23)

Uma análise interpretativa dos padrões envolverá, portanto, a descrição do que ocorre, assim como a explicação do motivo pela qual esse fenómeno ocorre deste modo. Considerando a interpretação holística dos fenómenos em análise, uma vez que os factos sociais são inevitavelmente complexos, históricos, estruturais e dinâmicos (Goday 1995; Geertz 1978; Foucault 2002) e sendo que o foco de investigação varia não só pela disciplina que explora o fenómeno, mas principalmente com o próprio investigador. A etnografia acaba por se transformar numa construção discursiva das construções que as pessoas fazem dos sentidos das suas próprias vivências. O antropólogo explica sobre explicações. Fazer etnografia é muito mais do que observar para colectar, tratar dados e retirar inferências interpretativas. Existe uma espécie de triangulação: observação dos dados – explicação dos *nativos* sobre os actos – interpretação do antropólogo da observação e da explicação do nativo. O antropólogo constrói uma leitura de um texto, composto por uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas (sistemas de significados), muitos sobrepostos, outros amarradas

umas as outras, outras até contraditórias, mostrando-se como um trabalho extremamente subjectivo. Semelhantemente à ficção, o antropólogo alterna elementos narrativos e discursivos retalhando o tempo, transpondo o tempo cronológico, apagando características do indivíduo e transformando-o em personagem. O texto etnográfico acaba por ser um texto interpretativo, *“um conjunto de interpretações sobre interpretações, acabando apenas por representar a realidade e esquecer o real.”* (Geertz: 1978)

Caracteriza-se o estudo de caso como um tipo de pesquisa que tem como objecto de estudo uma unidade visando uma análise detalhada de um ambiente, um indivíduo ou de uma situação específica. Tem como vantagem proporcionar a vivência da realidade, promovendo a discussão, a análise e talvez, a tentativa de transformação/solução de um fenómeno, quando este se apresenta como um problema. Segundo vários autores o estudo de caso parece ter-se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder a questões de por quê e como determinados fenómenos ocorrem. Nomeadamente, quando há pouca ou nenhuma possibilidade de controlar os eventos em estudo, ou seja, fenómenos que só poderão ser devidamente analisados no seu contexto real. Considero, portanto, que a observação participante é o método mais viável uma vez que *“o pesquisador deixa a sua posição passiva de expectador, para além de estudar é também estudado, colocando-se na posição dos agentes sociais.”* (Goday, 1995:27)

“Os dados devem ser colectados no local onde os eventos e fenómenos que estão sendo estudados naturalmente acontecem, incluindo entrevistas, observações, análise de documentos e, se necessário, medidas estatísticas. A observação tem um papel essencial no estudo de caso. Quando observamos, estamos procurando apreender aparências, eventos e/ou comportamentos”, combinando a observação participante com entrevistas. (Goday,1995: 27)

Geertz enumera quatro características da descrição densa etnográfica: É interpretativa; o que interpreta é o conjunto do discurso social (procurando fazer uma descrição densa); a interpretação pretende fixar o discurso social em algo analisável (na medida) em que possam formular leis; e a interpretação é microscópica, levando a um problema de escala, no ponto em que não se pode tentar padronizar, não se pode generalizar sobre algo individual mas especificar sobre um todo, contrapondo-se a concepção de particularismo e universalismo.

“O trabalho de campo é o coração da pesquisa etnográfica, pois sem um contacto intenso e prolongado com a cultura ou grupo em estudo será impossível ao pesquisador descobrir como o seu sistema de significados culturais está organizado, como se desenvolveu e influencia o comportamento grupal. Ao assumir uma postura holística, o etnógrafo procura descrever o grupo social da forma mais ampla possível – a sua história, religião, política, economia e ambiente -, pois parte do princípio de que a descrição e compreensão das inter-relações que emergem de um dado contexto A pesquisa etnográfica inicia-se com a selecção e a definição de um problema ou tópico de interesse (...) deve possuir um modelo que o oriente...” (Goday, 199:, 28)

Dediquei-me à pesquisa etnográfica, uma vez, que, considero, e tentei pô-lo em prática que, esta visa abranger a descrição e captação, (a tentativa de), dos eventos que ocorrem no espaço e contexto a ser estudado, focando a atenção para as estruturas sociais e o comportamento dos agentes sociais enquanto membros do grupo ou comunidade, procurando interpretar o significado dos actos sociais e o discurso dentro da estrutura da comunidade.

“Utilizei o método etnográfico na sua vertente mais naturalística, buscando a compreensão dos significados das interações em seus contextos fenomenológicos. Nesta estratégia de investigação, o método etnográfico é usado como um caminho de descobertas, nomeadamente quando pouco se sabe do objecto que se pretende estudar. (...) Em rede, descobri-me como sujeito e objecto de pesquisa. Observei e participei. Envolvi-me com outros para melhor os entender, afastando-me depois para melhor os analisar.” (Pais, 2006: 187)

Quanto ao estudo de caso, esta abordagem metodológica de investigação é adequada e recomendada quando se tenta apreender acontecimentos e contextos complexos nos quais vários factores complexos interferem. (Araújo *et al.*, 2008: 3)

“É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.” (Pontes 2006 in Araújo, 2008: 9)

Benbasat *et al* (1987) consideram que um estudo de caso deve possuir as seguintes características:

- Fenómeno observado no seu ambiente natural;

- Dados recolhidos utilizando diversos meios (Observações directas e indirectas, entrevistas, questionários, registos de áudio e vídeo, diários, cartas, entre outros);
- Uma ou mais entidades (pessoa, grupo, organização) são analisadas;
- A complexidade da unidade é estudada aprofundadamente;
- Pesquisa dirigida aos estágios de exploração, classificação e desenvolvimento de hipóteses do processo de construção do conhecimento;
- Não são utilizadas formas experimentais de controlo ou manipulação;
- O investigador não precisa especificar antecipadamente o conjunto de variáveis dependentes e independentes;
- Os resultados dependem fortemente do poder de integração do investigador;
- Podem ser feitas mudanças na selecção do caso ou dos métodos de recolha de dados à medida que o investigador desenvolve novas hipóteses;
- Pesquisa envolvida com questões "como?" e "porquê?" ao contrário de "o quê?" e "quantos?" (Apud: Araújo *et al*: 2008, 7)

Em relação às características descritas, não preenchi os requisitos de duas delas, no ponto em que não me foi possível fazer um estudo suficientemente aprofundado bem como, devido ao meu papel, houve situações de “controlo” e “manipulação”.

2. Um breve olhar sobre as políticas de asilo na União Europeia

Com esta fração do trabalho não pretendo fazer uma análise exaustiva de todo universo da proteção internacional ao refugiado mas sim fazer um breve resumo do desenvolvimento histórico da proteção ao refugiado, as tentativas de responder a estas obrigações pela União Europeia e uma breve nota sobre a corrente rede europeia – o sistema comum de asilo europeu (Common European Asylum System - CEAS) e os seus relevantes instrumentos, tanto legais como institucionais. Bem como procuro definir os termos refugiado e requerente de asilo.

Segundo Rodrigues (2006), existem várias políticas de asilo, divergentes entre os Estados Membros, argumentando contra a falsa premissa que existe um único e verdadeiro Direito de Asilo na União Europeia, pelo menos como ele é representado, tentado reflectir um conjunto de normas jurídicas *harmónicas e correlacionas* entre si.

Na perspectiva das sociedades modernas, segundo a qual nenhum “Homem é ilegal”, consegue-se ver que de modo não pacífico e harmonioso, há um esforço apelando às mudanças legislativas, fazendo crer que aos olhos de todos os ordenamentos jurídicos europeus, enaltecendo a pseudo veia humanitária e expressando os princípios (meras directrizes a serem entendidas como se queira) pelos quais se está a emancipar o Homem pelo Homem (da política). Exprime-se assim, como uma agradável e qual inspiradora propaganda falaciosa em que “todo o Homem nasce livre e com capacidade de reger a sua pessoa e bens; de exprimir o seu pensamento, independentemente da raça, sexo, ascendência, território de origem, religião, convicções políticas e ideológicas, instrução, situação económica ou condição social.” (Rodrigues, 2006: 2) o que poderá levar a câmbios desta premissa será a conduta do indivíduo, ou seja, caso a conduta de determinado indivíduo esteja em desconformidade com os códigos morais e os códigos reguladores do Estado em que se encontra.

Estas “meras directrizes” são interpretadas de acordo com o que é mais favorável a cada Estado, sendo ainda importante frisar que os governos dos Estados Membros, tentam a todo o custo, encontrar novos procedimentos, novas formas de combate e o uso de novos instrumentos jurídicos capazes de aniquilar o uso e o abuso do instituto de asilo. (Rodrigues, 2006) abrindo caminho para a máfia e promovendo a chacina carnal e emocional. Apelando-se a uma uniformização da Políticas de Asilo e direitos de asilo na União Europeia, independentemente do Estado Membro.

Conflitos, perseguições tendo como motivação questões raciais, perseguições religiosas, ou políticas diferentes, desastres e uma grande falta de respeito pelos direitos humanos levam milhões de pessoas a procurar proteção noutros países, por séculos. Neste caso, tornam-se refugiados, *asylum seekers* ou pessoas internamente deslocadas.

O conceito moderno de refugiado teve foi impulsionado perante um regime internacional de Nações estado, apareceu após a Primeira Guerra Mundial e a criação da Liga das Nações (UNHCR, 2000). Devido aos contratemplos e à dissolução dos impérios russo, austro-húngaro, otomano e alemão, um elevado número de refugiados deixaram a zona do império otomano ou império Turco, bem como a Rússia. Partindo em busca de destinos mais seguros na europa principalmente, mas não só. (Berck,1985)

De acordo com a UNHCR,

"between 1919 and 1939 violent conflicts and political turmoil uprooted over five million people in Europe alone, including Russians, Greeks, Turks, Armenians, Jews and Spanish Republicans" (UNHCR, 2000).

Tentou providenciar-se apoio de emergência por organizações caritárias, contudo com um curto orçamento não podiam providenciar suficiente material e locais de assistência. Contudo, em 1921, o comité internacional da Cruz Vermelha nomeou um alto comissário para definir o estatuto (status) de refugiado, para assegurar a sua repatriação ou o seu emprego fora do seu país e para coordenar medidas para a sua assistência.

O posto de alto comissário para o estatuto (status) de refugiado foi criado, o primeiro e mais proeminente titular do cargo sendo o Doutor Fridtjof Nansen, cujo nome veio a ser associado aos “passaportes Nansen”, sendo uma identificação legal internacionalmente reconhecida usada pelos agentes sociais portadores de estatuto (status) de refugiado.

Durante a existência da Liga das Nações (1921-1946), várias instituições foram instruídas a atuar e a providenciar alguns esforços para proteger refugiados; a convenção relacionada com o *status* internacional do refugiado em 1933 foi o primeiro instrumento deste género declarando obrigações concretas em prol dos refugiados. Relaciona-se com medidas administrativas, questões legais, condições laborais, cuidados de saúde, educação, regimes fiscais, entre outros, e visando promover a criação de comités para refugiados. (UNHCR, 2000)

Obrigando os estados que assinaram a não recusar entrada, não deportar refugiados para o seu país de origem -o princípio de *non-refoulement* - não-retorno. Em particular o artigo 3, especificamente define esta obrigação, como exponho de seguida:

"Each of the Contracting Parties undertakes not to remove or keep from its territory by application of police measures, such as expulsions or non-admittance at the frontier (refoulement) refugees who have been authorised to reside there regularly, unless the said measures are dictated by reasons of national security or public order.

It undertakes in any case not to refuse entry to refugees at the frontiers of their countries of origin.

It reserves the right to apply such internal measures as it may deem necessary to refugees who, having been expelled for reasons of national security or public order, are unable to leave its territory because they have not received, at their request or through the intervention of institutions dealing with them, the necessary authorisation and visas permitting them to proceed to another country" (Convention Relating to the International Status of Refugees, 1933).

Logo, para os partidos obrigatórios, (os signatários iniciais eram Bélgica, Bulgária, Egipto, França e Noruega, e mais tarde Checoslováquia, Dinamarca, Itália, Grã-Bretanha e Irlanda do Norte), *non-refoulement* tornou-se num princípio fundamental no direito internacional visando a protecção ao refugiado. Na convenção de 1933, tal só se aplica aos refugiados que tenham sido autorizados a residir nesse país regularmente/temporariamente, e se estes forem julgados e sentenciados como uma ameaça à segurança ou ao seu país anfitrião, podem mesmo ser expulsos.

Mais tarde, contudo, a Segunda Guerra Mundial produziu uma enorme vaga de refugiados: *"in May 1945, over 40 million people were estimated to be displaced in Europe"*. (UNHCR, s:d)

Esta situação extrema levaria a reformas no panorama do refugiado (Refugee Convention, 1951; Protocolo da UNHCR, 1967, Convenção das Nações Unidas contra a Tortura).

O sistema de asilo precedente à segunda Guerra Mundial que sempre teve um carácter provisório, enfrentou reformas substanciais. Após substituir a Sociedade Das Nações tomando as suas responsabilidades, as Nações unidas começaram a desenvolver um novo rol de iniciativas na área do direito internacional incluindo a proteção aos refugiados, a maior iniciativa aconteceu em 1951 com a Convenção das Nações Unidas relacionada com o status de refugiado, que permanece a pedra central normativa para a proteção internacional do refugiado, continuando vigente ainda hoje. Com base no artigo 14º da Declaração dos Direitos Humanos promulgada em 1948, que reconheceu o direito de pessoas buscarem asilo de modo a fugir de perseguições noutros países, e foi sujeita a uma única emenda na forma do protocolo de 1967 (a qual removeu os limites temporais e geográficos da Convenção de 1951, os quais estavam relacionados com os refugiados Europeus pré-1951 após a Segunda Guerra Mundial (UN, 1967). A convenção de 1951 usa uma única definição do termo “refugiado”, de acordo com o Artigo I, um refugiado é.

"someone who is unable or unwilling to return to their country of origin owing to a well-founded fear of being persecuted for reasons of race, religion, nationality, membership of a particular social group, or political opinion." (UNHCR, 2010).

Complementado por: (...) qualquer pessoa que... devido a um medo devidamente fundamentado, de ser perseguido devido a razões de raça, nacionalidade, associações de um grupo social ou de opinião política particular, encontra-se fora do seu país de sua nacionalidade e é incapaz, ou em virtude desse receio, está relutante de valer-se da proteção desse país; ou quem, em resultado desses eventos, que não tendo uma nacionalidade e estando fora do país de sua residência anterior habitual, está incapaz, ou em virtude desse receio, não se encontra disposto a regressar” (UNHCR, 2011: 14)

A Convenção tenta definir o estatuto de refugiado e direitos básicos, mais ainda, a Convenção tenta codificar princípios fundamentais, como o princípio da não discriminação, não-penalização e unidade da família.

A definição do termo “refugiado” é aberta a um certo grau de interpretação legal. De acordo com a convenção, de forma a poder ser “intitulado” com o estatuto de refugiado, o requerente deve poder provar que a sua vida esta em risco e que não pode voltar para o seu país de origem.

Teoricamente falando, a Convenção estipula que os refugiados não devem ser penalizados pela sua entrada ou estadia “ilegal” como patente no artigo 31; e fortemente ressalta o princípio de *non-refoulement*; de acordo com o artigo 32 (em 2001, os estados partidários emitiram uma declaração reafirmando o seu compromisso com a convenção nº151 e do Protocolo de 1967, em especial, reconhecendo que o princípio fundamental de não retorno, está incorporado no direito internacional consuetudinário (CG, 2001), ninguém deve expulsar ou fazer retornar um refugiado, contra a sua vontade, em nenhuma circunstância, para um território onde o indivíduo sinta que este comprometa a sua liberdade ou represente uma ameaça à sua vida. A convenção estipula também *standards* mínimos de tratamento e apoio a refugiados, estes direitos incluem acesso a tribunal (artigo 16), a educação primária (A.22), assegurar a unidade/reunião das famílias refugiadas, direito a cuidados de saúde (A.24), direito a hospedagem e comida (A.20-21) e o direito a documentação, incluindo um documento em forma de passaporte (Artigo 27-28), o qual pode ser considerado como o sucessor do antigo “passaporte Nansen”, de modo a fazer crer que a liberdade de movimento está garantida (A.26), deixando os refugiados escolherem o seu lugar de residência e de ter a liberdade de se mover livremente para além do território do Estado.

“as part of internationally recognized obligations to protect refugees on their territories, countries of asylum are responsible for determining whether an asylum-seeker is a refugee or not. This responsibility is often incorporated into national legislation and is derived from the 1951 convention relating to the Status of Refugees and other international human rights instruments” (UNHCR, 2006)

Common European Asylum System

A Europa evoluiu de um continente produtor de refugiados para um lugar de segurança e asilo para os refugiados vindos de áreas afetadas por conflitos, como anteriormente mencionado. Estas áreas mudaram com os anos, mas mais importante, o tratamento perante os indivíduos que buscam asilo também mudou - de um regime liberal e universalista baseado num estado individual regime baseado nos direitos individuais do Estado que define com foco na migração para controlar e tentar restringir oportunidades de asilo sob o pretexto de um acervo comum europeu (Teitgen-Colly, 2006).

Estas responsabilidades incluem controlo de fronteiras, definindo condições para a receção e determinação do estatuto de *asylum seekers*.

Após a segunda Guerra Mundial, uma abordagem baseada nos direitos liberais e universais para a proteção ao refugiado foi aceite e apoiada pela maioria dos estados ocidentais europeus (Boswell, 2003: 53). Esta abordagem foi complementar para a outra, uma vez que de facto, a convenção de 1951 foi inicialmente vista como sendo primariamente focada nos refugiados europeus e foi este o discurso dominante até 1980 (Teitgen-Colly, 2006:1504).

Os esforços de reconstrução pós-guerra nos estados da Comunidade Económica Europeia e a subsequente recuperação no crescimento económico exigiu a demanda de mais mão-de-obra e consequentemente a migração foi encorajada, tome-se como exemplo os chamados "*guest workers*" (*Gastarbeiter*) movendo-se para a Alemanha ocidental vindos da Turquia. Contudo, esta época de prosperidade viria a terminar na década de 70 seguindo-se de crises petrolíferas, introduzindo a estagnação económica e a inquietação nos estados europeus ocidentais. Encarando o aumento do desemprego e a demanda nos sistemas de saúde, a legislação foi revista de modo a activamente promover a redução do fluxo de migração. Estas medidas coincidiram, (ou foram manejadas para parecer coincidir), com o grande medo público dos migrantes – incluindo os que buscam asilo - apresentando-os como um fardo evitável nas fontes do estado (Huysmans, 2006:66). Estas manobras políticas vão tao longe que o debate entre a distinção entre migrantes e aqueles que buscam asilo já não é parte da equação. E logo o termo "*asylum seekers*" se tornou um termo genérico para descrever migrantes em geral (Zetter, s:/d).

A queda da União Soviética em 1989 criou a "*iron curtain*", tornando a migração de países da Europa de Leste e central muito mais fácil. Usando o medo público de "uma invasão de leste", o que ainda se vê hoje em dia (como exemplo, o atraso significativo em abrir/alargar/estender as áreas de Schengen para novos estados membros como Roménia, ou em debates alarmistas propagados pela media reforçando as formas de porquê o Estado se deve proteger dos indivíduos migrantes, sendo estes entendidos como invasores. Ou então, num conceito mais recente, sob a ameaça de terrorismo invocando casos como o 11 de Setembro. (Santos, 2013,105-106)

O colapso dos estados comunistas também marcou um ponto de viragem na ideologia no valor do refugiado: deixaram de ser vítimas de perseguição política, mas sim descritos em termos pejorativos como “*economic migrants*”. Estes acontecimentos juntamente com o discurso político e dos media onde a migração veio a ser vista como uma ameaça para o bem-estar do Estado, com termos como “*bogus asylum seekers*” (falsos requerentes de asilo), causando uma mudança na percepção pública, onde os estrangeiros eram retratados como uma ameaça à estabilidade e à segurança pública. (Helton, 2002:10).

Enquanto havia uma falta de coordenação política formal a nível europeu, os estados europeus ocidentais começaram a formular políticas de asilo para desencorajar a busca de asilo procurando e tentar manter os refugiados no seu país de origem ou em países do Terceiro Mundo (Giraudon, 2004: 162).

Em 1973 é pela primeira vez requerido o direito a asilo sendo que na constituição francesa, diz o artigo 120º “*o Povo francês dá asilo aos estrangeiros exilados de sua pátria por causada liberdade. Recusa-o aos Tiranos*”(in Rodrigues, 2006: 3)

Com o tratado de Maastrich as questões começaram a ser entendidas que as questões não poderiam repousar no campo individual agindo sobre a égide de um interesse em comum dos estados membros, mas o desenvolvimento das políticas de asilo tiveram como pano de fundo a convenção de Dublin em 1990. A seguir a estas ainda se seguiu o plano de acção em Viena, aprovado em 1998; o conselho de Tampere sendo os de carácter mais importante os seguintes:

“*a Directiva 2003/9/CE do Conselho de 27 de janeiro de 2003 que estabelece normas mínimas em matéria de acolhimento dos requerentes de asilo nos Estados-Membros; a directiva 2004/83/CE do conselho de 29 de Abril de 2004 que estabelece normas mínimas relativas às condições a preencher por nacionais de países terceiros ou apátridas para poderem beneficiar do estatuto de refugiado ou de pessoa que, por outros motivos, necessite de protecção internacional, bem como relativas ao respectivo estatuto, e relativas ao conteúdo de amparo concedido; e a directiva 2005/85/CE do Conselho de 01 de Dezembro de 2005 relativa a normas mínimas aplicáveis ao procedimento de concessão e retirada do estatuto de refugiado o nos Estado-Membros.*”(Pinto, s/d)

Contudo, o direito de asilo não é um direito dos indivíduos mas do Estado.

Em relação ao caso em estudo: *“tem-se visto uma política restritiva e coercitiva aos imigrantes advindos de países em desenvolvimento e pouco qualificados (IOÉ, 2008, p. 4). A França a Inglaterra, antigos países de imigração na Europa, por exemplo, desde a década de 1970 tem empregado duras normativas de imigração a fim de conter a tendência imigratória (Mahlke, 2005, p. 92; Focus Migration, 2005, p. 6). Martinello (2005) divide em três fases o posicionamento⁶ do continente europeu diante da imigração até os anos 2000: A primeira fase, de 1950 a 1973, de estímulo à imigração; a segunda, de 1973 a 1980, de restrição à imigração e da construção da ideia de imigração como problema a ser securitizado; e a terceira, de 1980 a 2000, da securitização da imigração, principalmente da imigração clandestina. (APUD, Santos, 2013:103)*

Em suma, *o asilo consiste na concessão de protecção alguém que se encontra em perigo e refugiado é alguém que tem de procura asilo e fugir do seu país e que porocura asilo por sentir que a sua vida ou liberdade estão ameaçadas no seu país de origem. (Pinto, s:/d)*

“an asylum-seeker is na individual who has sought or international protection and whose claim for refugee status has not yet been determined.” (UNHCR, 2006)

Santinhos (*in* OIC, 2010) define requerentes de asilo como *” todos os que entrando em território nacional, ainda estão dependentes de uma decisão definitiva por parte do SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras), relativa ao seu pedido de reconhecimento de estatuto de refugiado”* frisando as dificuldades burocráticas e de como esta decisão pode tardar meses ou até anos. (2010:177) e referindo-se ao caso de Portugal mas que demonstra exactamente a situação em Calais:

“Começámos por dizer que, quando um refugiado pede asilo em Portugal, nem sempre sabe que chegou a este país. Isto significa que por trás da cada história de vida de um homem, mulher, ou criança (alguns deles são crianças e jovens desacompanhados), não existe só a fuga desesperada e não planeada a guerras e conflitos armados e uma experiência traumática de perseguição, tortura e violência (sobre o próprio ou sobre membros da sua família ou comunidade). Existe também, por vezes, uma viagem de fuga clandestina, feita em barcos ou camionetas com condições deploráveis, expostos a situações de extrema vulnerabilidade – como abusos sexuais, violações, confinamento em espaços minúsculos e sem acesso à luz solar, humilhações e ameaças – em troca de

um pedaço de comida e a promessa de chegada a qualquer porto de abrigo.(OIC, 2010: 182)

Ainda a distinção entre o conceito de asilo e o conceito de refugiado:

“(la) persona que responde a las condiciones de la noción de refugiado no por ello recibe automaticamente el asilo. El asilo continua siendo un privilegio de los Estados si bien la noción de un derecho individual al asilo se va desarrollando. Al contrario, también es posible que un Estado decida asilar a una persona que no responda a la definición de refugiado”; o segundo é condição sine qua non a atribuição à priori do estatuto de refugiado” (Carlier 1986, in Rodrigues 2006:6)

Direitos de terceira geração

Também apelidados de Direitos de solidariedade, uma vez que se impôs como necessária a criação de diretrizes e normas de conduta internacionais, uma relação interestatal que promova e assegure o bem-estar, para além de restaurar a dignidade e regenerar padrões de moralidade. Refere-se a todos os indivíduos, porém aqui ancorados na generalidade, como género humano, ou seja, são considerados direitos colectivos uma vez que buscam a proteção de colectividades, dirigindo-se à humanidade. Possuem uma titularidade colectiva. (Sarlet, 1988)

São direitos que não se destinam especificamente à proteção dos interesses de um indivíduo, de um grupo ou de um determinado Estado. Têm por primeiro destinatário o género humano mesmo, em um momento expressivo de sua afirmação como valor supremo em termos de existencialidade concreta.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos A importância deste documento reside na tentativa de formulação de um padrão global relativamente a liberdades e direitos fundamentais e pela sua inovação ao tentar padronizar um conjunto de princípios e diretrizes quanto à universalidade dos direitos humanos. Este documento declara que os direitos humanos são indivisíveis, interdependentes e inerentes à condição humana, em todo o mundo. (Bonavides, 2003)

Através da análise da referida declaração, facilmente os podemos agregar e distinguir, o 1º e o 2º artigo expressam princípios gerais de liberdade, igualdade, fraternidade e não-discriminação; a partir do 3º até à 11ª: direitos de ordem individual, como o direito à

vida, à liberdade, à segurança e dignidade, bem como garantias contra práticas de escravidão e tortura; do 12º ao 17º, são direitos referentes ao indivíduo, em pertença ao seu grupo e bens; 18º o 21º, estão relacionados com faculdades espirituais, direitos políticos e liberdades públicas; 22º ao 28º, abrangem os direitos económicos, sociais e culturais; 29º deveres do indivíduo para com a comunidade; 30º *“nenhuma disposição da presente declaração pode ser interpretada de maneira a envolver para qualquer Estado, agrupamento ou indivíduo o direito de se entregar a alguma actividade ou de praticar algum acto destinado a destruir os direitos e liberdades aqui enunciados”*. (ONU, 1948)

A declaração não assegura o cumprimento nem a eficácia, como se pode ver diariamente.

Como poderão os direitos humanos ser uma política simultaneamente cultural e global? (Santos, 1997)

O autor defende que enquanto forem concebidos como universais *“tenderão a operar como localismo globalizado”*, para conseguirem influir como globalização contra-hegemónica, necessitam de reconceptualização, passando de universais para multiculturais. *“ (...) contrariando o discurso hegemónico – é precisamente no campo dos Direitos Humanos que a cultura ocidental tem de aprender com o sul para que a falsa universalidade atribuída aos Direitos Humanos no contexto imperial seja convertida, na translocalidade do cosmopolitismo, num diálogo intercultural”* (Santos, 1997)

A equidade é o conceito chave e sua dentro e entre nações, tendo sido considerada a determinante social com impacto mais significativo na dicotomia saúde-doença. (OMS, 2006)

Saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não, simplesmente, a ausência de doenças ou enfermidades.” (OMS, 2011)

Whitehead define determinantes sociais de saúde como *“ as características sociais dentro das quais a vida transcorre”*, ou seja, as condições de vida quotidiana. o vasto leque de condições (incluindo económicas e políticas) que tem grande impacto na

saúde, educacional, condições sociais vizinhas e as políticas que determinam essas condições. (Braveman, 2010)

A questão do porquê da tão grande iniquidade reside no campo sócioeconómico. *“Não é só uma questão biológica e tão pouco pode ser resolvida com serviços médicos. Para uma sociedade ser saudável tem que haver equidade”* (Buss, 2011)

Quanto ao direito à saúde e a condições de vida adequadas, os direitos humanos (teoricamente) obrigam o Estado a respeitar, proteger, preencher e promover todos os direitos humanos de toda a pessoa, incluído o direito a cuidados de saúde adequados. Conexões entre igualdade em saúde e direitos humanos, focando-se particularmente nas implicações entre conhecimento e condições sociais e como estas podem influenciar a saúde. A equidade em saúde requiere a equidade social. Os princípios humanos da não discriminação e igualdade estão intimamente ligados à luta contra as disparidades em saúde e os seus determinantes. (Braveman *et al.*, 2011)

O conceito de Direitos Humanos não pode ser entendido como universal, é esse falso universalismo que se mostra como obstáculo à assistência global e à aplicação de práticas e políticas que visam a equidade. Todos os países se devem unir e tomar medidas, almejando melhorias futuras nas bases económicas, e é necessário promover o acesso equitativo as oportunidades e recursos económicos, actuando sobre os Determinantes Sociais de Saúde.

Ao apelar ao universalismo de padrões normativos, acaba-se acentuando cada vez mais visivelmente as desigualdades entre os países ricos hegemónicos e os países pobres como subjugados.

A Organização Mundial da Saúde define violência como: *“O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”*. (OMS, 2002)

“The deaths in Calais are just a few of the many lives lost at Europe’s borders. According to the press monitoring researchers of “Fortress Europe” blog, at least 18, 244 deaths at European borders have been reported by media since 1988. Many more, for sure, go unreported.

Most of these die in the Mediterranean sea. On Monday night (9 july) a young Eritrean man was rescued off the coast of Tunisia, the sole survivor of a boat carrying 55 eritrean, Somali and Sudanese refugees.

In the most infamous recent story to come to light, over 60 African refugees died as their boat drifted for 11 days in March 2011. The boat was in contact with the Italian coastguard, a military helicopter (country unknown) flew over the lowered bottles of water, and finally it drifted in full view of an aircraft carrier, probably the French ship Charles dev Gaules. No one came to their rescue.”(Kirby, BBC, 2012)

3. NO BORDERS

“Era realmente o meu objectivo salvar toda aquela gente, cuja aflicção era indescritível. Uns tinham perdido os seus cônjuges, outros não sabiam dos filhos extraviados, alguns haviam visto sucumbir pessoas queridas pelos bombardeamentos (...) seriam submetidos aos duros regimes (...) Quantos suicídios e outros actos de desespero se produziram, quantos actos de loucura de que eu próprio fui testemunha. Não podia eu fazer diferença de nacionalidade, visto obedecer a razões de humanidade, que não distinguem raças e nacionalidades.

Posso ter errado. Mas se errei não o fiz com intenção, tendo procedido sempre segundo os ditames da minha consciência (...). Nunca deixei de me guiar no cumprimento dos meus deveres, com pleno conhecimento das minhas responsabilidades.” (A.S.M, 1940)

Sabemos que o simples acto de dar um pouco de comida a um humano *san-papier* é considerado crime, ilegal, contudo tal não é de todo uma variável nesta unidade.

Define-se este grupo como um colectivo anarquista de activistas. Caracterizando por políticas anti estatais, anti capitalistas, discutindo-se sempre o papel dos Estados, principalmente na temática relacionada a questões de asilo e migração, uma vez que entendemos e lutamos pela liberdade de movimento como direito alienável de cada indivíduo. Apologizando que as medidas restritivas e de controlo acabam por potenciar incidentes, mortes, danos psicológicos, bem como abrir o mercado para a Máfia (voltarei a este ponto mais adiante) devido às políticas anti humanas assumidas, neste caso pelo governo Britânico e Francês. Partindo de uma postura ao mesmo tempo “marginal” e “moral, contestadora e antipolítica, o governo humanitário se viu redefinido, após a Guerra Fria, como um instrumento de gestão das “populações indesejáveis”, agindo no vácuo deixado pelos Estados-nação e no exterior das “sociedades democráticas” de onde ele mesmo surgiu. Contudo, no fim dessa desconstrução resta ainda a ação política dos refugiados, que vêm transformando, em nível local, o sentido dessa intervenção global.” (Agier, 2012:10)

Os NoBorders opõem-se radicalmente a uma denominação ou tentativa de definição deste grupo, como uma organização caritativa uma vez que se entende ser necessário a formulação e divisões dos conceitos de caridade e solidariedade, uma vez que ao primeiro termo se associa um reforço das disparidades entre privilégios e hierarquias, e

que este opera numa esfera económica e apesar de o seu apoio ao migrante, as instituições caritárias podem tornar-se parte do problema reafirmando e legitimando as acções estatais em vez de as questionar. Defende-se então o elo de solidariedade, promovendo o mutualismo, na medida em que se trabalha com “eles” não para eles.

“ (...) a solidariedade apela a uma predisposição para lutar a favor da diferença alheia, e não apenas da própria. Estar aberto ao outro, no domínio da vida interpessoal, é uma condição de solidariedade social. Enquanto que a tolerância é egocêntrica e contemplativa, a solidariedade é socialmente orientada e militante. Há também a “santidade sem esforço”, espécie de variante laica das antigas indulgências praticadas pela igreja católica: “esta forma de saldar dívidas com os infortúnios do próximo caracteriza-se pela simplicidade. Limita-se, por exemplo, a assistir a um concerto de rock contra o racismo, ou contra a fome no mundo, ou às violações dos direitos humanos. A luta metamorfoseia-se em diversão” Esta solidariedade reflexiva ajuda a relativizar – ou a camuflar – o egoísmo que subsiste no individualismo contemporâneo. Ocasionalmente, faz-se bem ao próximo porque esse “fazer bem” faz bem ao “ego”. O sentimento de si, como praticante da solidariedade, pode usar a infelicidade do outro para gerar a sua própria felicidade, dando origem a uma moral de interesse.” (Pais, 2006: 352)

Excerto do diário de campo

(...) não conseguia parar de rir, fiquei agarrada à barriga durante uma meia hora (...) ficou a pensar, há quanto tempo é que não dou uma gargalhada assim?! Há seis anos... (...) é tudo uma merda mas ainda assim conseguimos ser felizes na infelicidade.

4. CALAIS

Calais é uma pequena cidade portuária no extremo norte da costa francesa, situando-se a cerca de 34 km de Dover que sempre se apresentou como um importante ponto de contacto entre o Reino Unido e a Europa. Estes dois portos, foram por séculos e são ainda, um ponto importante de contacto entre a Europa e o Reino Unido. Hoje em dia o porto é indubitavelmente o maior ponto de passagem, o elo de ligação entre o estado francês e o estado britânico, especialmente no que concerne ao transporte de bens (sejam batatas, bebidas alcoólicas, chocolates, entre vários), sendo que um grande número de veículos providos de vários pontos do globo faz a travessia frequentemente.

Uma vez que o Reino Unido não é uma área pertencente ao Espaço Schengen, o porto em Calais funciona como uma fronteira externa britânica, e assim sendo, é necessário apresentar documentos de identidade válidos e todos os indivíduos devem mostrar documentação válida e têm que aceitar ser submetidos a vistorias aos veículos.

Devido ao enorme tráfego entre Calais e o Reino Unido, a cidade tornou-se, em finais da década de 90 e mais marcadamente no início do novo século, o ponto de encontro (NB, S/D) , de passagem, para centenas de indivíduos que almejavam ir para a “Terra prometida”. Fazendo recordar o *American Dream*, a questão repousa no facto de a maioria destes indivíduos não serem portadores de qualquer documento identitário válido, que permita a sua travessia facilmente, pelo contrário a maioria não porta consigo nenhum documento, outros possuem documentos falsificados, já expirados ou então vistos ou documentos relacionados com processos de asilo requeridos ou forçados noutro país.

“ao contrário dos imigrantes, a saída do seu país nunca é uma saída pacífica e muito menos planeada. Normalmente, é feita sobre ameaça eminente e súbita de morte, o que evidentemente não permite na maior parte dos casos a ida a casa para preparar documentos de identidade ou passaporte. São vários os exemplos de países onde estes documentos nem sequer são fáceis de obter oficialmente. (OIC, 2010:179)

A sua estadia/presença nas fronteiras do Reino Unido tem vindo a atrair tanto a atenção política como a dos meios de comunicação, sendo representados como o “ilegal”, “clandestino”, “*san-papiers*” Esta situação tem sido um ponto de tensões políticas entre

o governo britânico e o governo francês, durante décadas, demonstrado pela destruição e fecho dos lugares em Calais que possam ser interpretados como um “íman” para migrantes. (NoBorders, s:d)

Os migrantes em Calais representam o grande paradoxo no centro de políticas democráticas ao atentarmos na história dos Direitos Humanos, focando-me na terceira geração de direitos humanos tentando desvendar as discrepâncias entre teoria e prática.

“Oriundo de valores humanistas e tendo como campo de atuação um território “sem fronteiras”, o movimento humanitário seguiu uma história paralela àquela que atrelou descolonização e globalização. Partindo de uma postura ao mesmo tempo “marginal” e “moral”, contestadora e antipolitizada, o dispositivo humanitário se viu, após a Guerra Fria, progressivamente integrado, moralmente redefinido e politicamente instrumentalizado, como um modo de governar as populações indesejáveis, agindo no vácuo deixado pelos Estados-nação e fora das “sociedades democráticas” de onde ele próprio é originário.” (AGIER, 2012)

Sem dúvida que os numerosos acampamentos, centros de receção e “campos” existentes em Calais, criados para e pelos migrantes, parece em muito perturbar o governo Britânico e Francês.

A cruz vermelha conseguiu criar um centro de receção para os migrantes em Sangatte, o denominado “ Sangatte Red Cross Asylum” cerca de 9 quilómetros de Calais. Este centro foi fechado em 2002 (BBC e NB,2012, 2009)) devido à pressão exercida pelo governo britânico. Argumentando que um local como este encorajava a chegada e estadia de san-papiers e é ainda importante mencionar que em 2007, (a tendência em 2009 parece não ter mudado), a CIMADE, uma ONG francesa documentou 35,008 detenções. (BBC, 2012)

O ano de 2009 representa um período de “limpeza” da cidade, obviamente sobre a alçada e pressão do Reino Unido e da França, este ano foi marcado pela extrema brutalidade policial e despejo e destruição dos abrigos e acampamentos, denominados por “jungle” (denominação provinda do pachtó, “d’janganal” que significa, floresta ou selva, a sua pronúncia em concomitância com o facto de a língua predominante entre os activistas e os refugiados/migrantes/san-papiers fez com que os abrigos na “parte verde” passassem a ser assim chamados), nesta altura as estimativas do número de

migrantes apontava para cerca de 1500 indivíduos. Após este acontecimento o fluxo migratório parece ter reduzido consideravelmente, voltarei a este ponto adiante. (NB, 2009)

As pessoas que encontrei em Calais são oriundas, principalmente, das seguintes áreas: Afeganistão, Irão, Etiópia, Sudão, síria, Líbia, Egipto, entre eritreia, Nigéria, Quênia, Sudão, Palestina, mas creio que uma quantidade semelhante de nacionalidades se encontra escondida, tornando assim, difícil a sua “quantitativação”.

Estes agentes sociais encontram-se em Calais com o intuito de atravessar, cruzar as fronteiras em busca de estabilidade, de refúgio, de segurança ou da perseguição de um sonho ou alguém.

Poderia aqui descrever em massa conflitos, razões para refúgio, economia e situação geral mundial, contudo, menciono algumas das razões que levam os indivíduos a estas condições, optou-se também por dar espaço para uma pequena caracterização destes indivíduos e da nossa interação na expectativa de deixar o olhar ir mais longe.

Um dos indivíduos da Eritreia esteve envolvido com o Pentacostal para além de que havia casado com uma indígena, da qual se havia divorciado e temia que a sua vida tivesse término às mãos de um membro do Pentacostal ou de um dos relativos da sua ex-mulher. Entrevistei-o várias vezes, pensei em escrever a sua história de vida devido a nossa proximidade, “*my elder syster*”, como me chamava, contudo, o que quer que seja feito com esta pessoa é uma batalha, recordo um exemplo que tendia a deixar-me aborrecida, frustrada mas que agora compilo na pilha do caricato (optou-se por não traduzir as respostas de A. uma vez que quando noutro idioma e sem o sotaque italiano e na impossibilidade de demonstrar o seu modo de “dizer” demonstra, ainda que pouco, a sua personalidade e é parte da sua essência):

P: “Em que cidade foste detido?”

R: “*Let me trough you to Líbia.*”

E falou durante pelo menos umas duas horas, desisti. Mais tarde percebi que o intuito era mostrar-me como a situação é dramática e o dia e cidade deixam de ser importantes. Então decidi continuar:

P: “Como era a prisão na Líbia?”

R: “*Oh! TOO HOT!*”

P: ”Too hot?”

R: “*Yes, what do you expect? 45 persones in one room!*”

O modo como me respondeu, teve como resposta uma gargalhada. Pelo modo como o disse, já não estava a falar de algo que doesse, que demonstrasse resquícios de mazelas (embora elas lá estejam) mas sim tentar aliviar a dificuldade da situação, remetendo estas lembranças para uma zona a que não se quer ter acesso.

Dois amigos san-papiers Iranianos: um porque escreveu um manifesto ateuista e está a ser perseguido e acusado de download de pornografia outro porque o seu sonho é fazer música electrónica e no Irão não é possível, enquanto o primeiro me disse que gostou de estar no exército porque “era tudo organizado” o segundo passou dois meses sem comer uma vez que para ingressar no serviço militar é necessário corresponder a certos atributos físicos como IMC normal. O primeiro sente saudades do Irão, o segundo odeia o país e só quer assegurar a sua vida e conseguir levar a Mãe para Inglaterra. Com esta segunda pessoa tive bastante contacto, mas senti que a sua mente actuava por ciclos, acabando sempre a conversa por ir parar à adição de ópio pelo seu pai, durante 30 anos, e as mazelas que tal havia causado.

Um amigo do Sudão teve de fugir, porque escreveu um artigo em que “expunha” as estratégias de controlo do governo em relação aos clãs. Esta pessoa tem o corpo timbrado de cicatrizes e a sua história, o que passou na prisão só o conta a quem confia. Actos vergonhosos que fazem da vítima o envergonhado.

Outro amigo que fugiu do Afeganistão com 16 anos devido as investidas talibãs, como este caso há dezenas.

O rol continua, e os motivos parecem infundáveis e principalmente desprovidos de sentido lógico ou humano.

Testemunho

Incorporo neste capítulo um testemunho, mais do que uma entrevista, de um humano oriundo do Quênia, como modo de demonstrar um exemplo não muito extensivo. Confesso, contudo, que tenho grandes dúvidas quanto à total veracidade do mesmo, uma vez que me pareceu uma história um tanto ou quanto ensaiada e também porque o humano esquivou-se furtivamente a perguntas com carácter mais pessoal, bem como dos detalhes. Contudo, há que tentar compreender a situação de insegurança em que se encontra, bem pelo que já passou até ao limbo chegar. A vida tornou difícil a confiança...

O imigrante deve demonstrar continuamente a sua inocência, quer face à sociedade de origem que muitas vezes o considera um fugitivo, um traidor, quer face à sociedade de acolhimento que o vê como um intruso: sabe que para ser tolerado não pode incomodar, contestar ou objectar. O seu espaço é o da invisibilidade social e moral. Diferentes autores afirmaram que é exactamente a “invisibilidade social” ou a liminaridade da experiência migratória, amplificada pelas contradições das políticas migratórias e pelas barreiras burocráticas, que acabam por gerar perturbações emocionais e patologias. (Pusseti et al, 2009:32)

“No início de janeiro de 2008, quando as revoltas começaram alguém fez um discurso e depois arranjaram uniformes e armas. Todos tiveram um uniforme, uma arma e um bastão e davam-nos tarefas.

P:Que tipo de tarefas?

A tarefa era matar toda a gente que não era Kalenjin ou Luo. Acho que estas pessoas nos recrutavam porque o senhor Ruto os mandou ter connosco.

P:Quem é esse senhor Ruto?

Nunca falei com ele mas acho que era ele que dá os trabalhos. Nós batíamos nas pessoas mas frequentemente escondíamos-nos para não ter de o fazer e magoar pessoas. Quando a tarefa estava terminada esperávamos pelo trabalho na polícia. Depois descobrimos que não havia nenhum trabalho. Eramos um grupo de 10 jovens e fundamos um grupo (...) queríamos pedir ajuda da comissão dos direitos humanos mas havia um espião no nosso grupo e ele contou os nossos planos, depois disso começaram a procurar por nós e diziam que eramos criminosos. A tarefa da polícia era caçar-nos

como animais (...) três pessoas do grupo foram mortas (baleadas). (...) eu fui preso e puseram-me uma cela mas nunca me levaram a tribunal. Levaram-me três vezes a Ngong Hills e torturavam-me (...).

Pegaram no drill e fizeram buracos nas minhas pernas... vês aqui? E aqui? Aqui (estomago) cortaram-me com lâminas de barbear. Perdi a consciência muitas vezes, uma das vezes quando estava a acordar cortaram-me o dedo... torturavam-me para eu confessar que era culpado, que era só um criminoso, que não tinha nada a ver com política e queriam construir o caso nisto. (...) durou mais ou menos durante um mês mas depois alguém veio e pôs “black Money” e fui libertado (...) depois escondi-me.

(...) em novembro ou dezembro de 2010 o advogado da acusação, Moreno Ocampo veio para a cidade e decidimos sair do nosso esconderijo e falar em frente a verdade a Ocampo. Decidimos que queríamos fazer-lo coma comissão dos direitos humanos para ser oficial. Fomos à comissão dos direitos humanos em Nairobi e na recepção tentamos falar como patrão. Primeiro levaram-nos para diferentes escritórios e tivemos que explicar o caso às pessoas trabalhavam lá. Esta pessoa que trabalhava lá disse-nos que deveríamos esperar, depois apareceu a polícia e prendeu-nos. No caminho para a prisão havia muito transito e nós estávamos na parte de trás de uma pick-up mas estavam dois policia connosco. Levavam-nos para Ngong (prisão). No transito eu saltei do carro, corri e fugi. Tive que fugir, no carro ouvi um dos policia dizer “estes são os criminosos que procurávamos”. Eu tinha medo que me matassem. No Quénia não tens nenhum direito, tens a acusação, vais para a esquina e levas um tiro.

(...) fui para o esconderijo de um amigo e contei-lhe tudo, perguntei-lhe o que deveria fazer, se deveria ficar ou partir de Nairobi, ele disse-me que não havia razão para ficar porque já me procuravam e a minha fotografia já estava no jornal (East African Standard) como criminoso. O meu amigo contou-me de outros amigos do grupo que morreram e que seria melhor eu ir à igreja e pedir ajuda. Eu fui então à igreja Élirot Costal. Lá conheci um trabalhador do padre, tinha que falar como padre mas este padre esta muito ocupado mas se eu quisesse este trabalhador poderia ter rezado por mim ma seu não estava feliz com isto. Depois vi um europeu na igreja e parecia um jornalista, falei com ele e ele disse-me que ia frequentemente ao Quénia. (...) então contei-lhe tudo e ele disse-me que deveríamos encontrarmo-nos em 2 dias num hotel,

lá (no hotel) ele disse-me que me poderia levar para outra vila onde estaria sempre seguro. Primeiro tive medo que ele me prendesse como escravo... perguntou-me se tinha passaporte e disse que não, então ele disse que deveria escrever o meu nome e o da minha mãe num papel, tirou-me uma fotografia e passado uma semana encontramos outra vez. Disse-me que deveria levar duas calças e duas camisolas. (...) conduziram até Mombasa. Eramos três e chegamos por volta das 4 da manhã a Mombasa, lá deu-me o passaporte mas quando passamos os controlos e voltou a tirar-me o passaporte (...)

Tenho medo de voltar para o Quénia, muitas coisas aconteceriam e estão relaccionadas com a polícia. Depois das eleições no Quénia, no fim de 2007 e início de 2008 eu estava em Eldoret as pessoas que são mais velhas que nós disseram-nos que havia uma tarefa para fazer, e que depois de esta estar concluída teríamos emprego na polícia.

P: Mas quem pagou o “dinheiro negro”?

R: *Um amigo meu falou com um tio que deu o dinheiro.*

P: Depois de fugir onde te escondeste?

R: *Em Rongai, é a 20km de Nairobi.*

(...)

P: Não havia nenhum lugar no Quénia onde estivesses seguro?

R: *Não. A minha mãe morreu quando eu tinha 4 anos e o meu pai não conheço bem.”*

Esta história tal como a da grande maioria, parece ensaiada, memorizada como uma espécie de oração. Quando tentei ir mais fundo, confessou-me outros detalhes que convenientemente convém esquecer, para além do que deveras “pode” ser dito.

Ainda em relação a este caso, Master P. evitava fortemente as minhas perguntas, tais como as seguintes que nunca me foram respondidas:

P: What you did or were doing before and during the riots?

P: How was your life before all of this?

-job

-family

-friends

-house

P :How did you lived before?

P :How it is to live in Quénia (before and after the riots)?

P :Can you talk a bit about your childhood?

- What you eat in Quénia, how your family was with you and family in general...
- How was your house?

P: And about your family?

P: Do you have brothers or sisters? Ages? Where are they?

P: Can you describe the prison (how it looks like, how many people were there and why?)

P: Who are the Kalenjin and Luo, and why you had orders to kill them?

P: Who is Moreno Ocampo? And why you think that he was the responsible?

P: How was the place that you hide in Rongai? How it was to be there? How many people...

Estas perguntas ficaram sempre por responder, contudo sei que tem uma filha de 13 anos e que o seu objectivo é tira-la e a irmã do Quénia.

Eu vi as cicatrizes. Pode a história ser diferente mas não creio que seja menos perturbadora.

“A sinceridade perde significado e dilui-se na indeterminação, abrindo terreno a uma “personalidade pastiche” que, como a define Gergen, é um camaleão social que, continuamente, toma por empréstimo fragmentos de

identidade der qualquer origem, adequadas às circunstâncias.” (Pais, 2006: 218)

4.1 NÚMEROS

Na minha primeira visita a Calais em Agosto de 2013, os dados apontavam para cerca de 250 indivíduos, (questão a que voltarei adiante), enquanto em Dezembro sugeriam metade, mas aqui prende-se também a razão de que no Inverno o Limbo torna-se ainda mais inóspito, o frio e a chuva, o vento que derruba os abrigos, a rotina diária de ir para o jardim ou o convívio durante as refeições tornaram-se obrigações tortuosas.

Excerto do diário de campo

Hoje não estava quase ninguém no Salam. O cenário era de deveras deprimente, arrependi-me de ter ido... (...) Quem quer andar meia hora à chuva, em constante medo de ser abordado pela polícia ou mesmo por habitantes hostis, para ir comer uma refeição (bem, não sei se chega a tanto, mas é mais uma nhanha rançosa, de algum modo comestível (...)) acorados (porque o chão está molhado) a um canto para se protegerem do vento e da água? Enquanto os carros da polícia ficam ali a tirar fotografias enquanto um humano san-papier está ali a rezar à chuva num cartão da era (imobiliária).

Outra das situações prende-se com a imprevisão de dados estatísticos, uma vez que tenho conhecimento destes números porque os ajudei a recolher, mas é impossível ter um número “mais ou menos” certo, daí o meu problema com as estatísticas que considero serem completamente erróneas.

Excerto do Diário de Campo

“Ontem atravessaram 21 vietnamitas, com mais seis pessoas, todos no mesmo camião. Eu nunca vi, falei ou tive conhecimento da estadia deles cá. Quantos sítios e esconderijos mais faltam encontrar?”

Contudo, os números não deixam de ser bastante elevados. Todos os dias chegam novas pessoas, que se amontoam em sítios recônditos. Os números baixam no Inverno, quando

parte vai para Paris, Lille ou mesmo outros países, em busca de oportunidades, emprego, visitar amigos ou mesmo só para desanuviar.

Aqui tenho que introduzir a história de A.,

Personagem muito caricata, egípcio, com os seus 45 anos, sempre calmo e sorridente, quantas vezes o “apanhei” a falar sozinho ou a rir. Quando se o apanha lúcido consegue-se ter discussões apaixonantes, estimulantes e arrebatadoras... quando se tem azar, acabamos por concluir que a *Chef d’oeuvre* de Marx é a metáfora dos morangos, sendo o morango, segundo a lógica de A. o todo mais concreto e absoluto. Faz sentido? Depois de mais de uma hora, teve de fazer sentido ou tinha um esgotamento nervoso! Após uma reunião no escritório onde se concluiu que a ingestão de bebidas alcoólicas no escritório e no hangar era proibida, A. arranca da parede o papel que já lá existia, embora fortemente ignorado (quer por activistas quer por humanos *san-papiers*), no qual dizia em várias línguas “don’t drink alcohol here”, porque segundo a lógica de A. o papel só é preciso caso seja positivo, uma vez que não há nenhum papel a dizer proibido andar à porrada, se fosse permitido estaria lá! E quantos tentaram entender ou explicar, e adiantou? Segundo o pessoal do escritório já lá está há alguns anos, vai e volta (para Paris ou Lille, retomarei este ponto) e não tem, de modo algum, o intuito de atravessar para o Reino Unido. A. sempre foi um grande mistério. Possui um porte altivo, um olhar sério, calmo, um tanto ou quanto superior, quem não o conhece teme-o à primeira impressão, quando está “normal”. O pessoal daqui especula que ele tenha sido rico, mordomo ou militar. Contou-me de inúmeras viagens desde Austrália à Jordânia, das inúmeras namoradas na América do sul, e facto é que fala fluentemente diversas línguas, que eu tenha conhecimento: Árabe (língua materna), espanhol, italiano, inglês, francês, mas creio que a lista não se fica por aqui.

A. parece feliz em Calais, e é uma das pessoas que acabamos por não conseguir ter em tempo real a noção se é *san-papiers*, activista, amigo... é o primeiro a acordar, a limpar tudo, e aí de quem se atreve a tratar do pequeno-almoço quando se encontra presente, (diz que foi muitos anos cozinheiro mas no outro dia lá se lembrou de juntar a sopa na panela de arroz de tomate, e somos felizes). O escritório possui um telefone para situações de emergência, dúvidas, para resolver problemas ou simplesmente para ir

buscar activistas que acabaram de chegar e não sabem onde se situa o novo escritório, quantas vezes atendi o telefone e falavam em Italiano ou Francês gritava sempre “A. é para ti!” e ele lá ficava todo contente e grande parte das vezes era ele quem ia ao encontro dos recém chegados.

Pedimos-lhe para ir à garagem dar cobertores, qual quê! Chegou à garagem, fez a cama para toda a gente e lá ficaram todos. O A. é do género “*Precisas de um cobertor? É melhor levares dois ou três!*” Num dos primeiros dias, em que os caminhos são ainda desconhecidos, perguntei-lhe se ia jantar ao Salam, disse que sim e lá fomos os dois. Estava eu a ver que íamos por um caminho mais longo e que chegaríamos atrasados para o jantar, respondeu-me qualquer coisa semelhante: mas por aqui é mais bonito, está frio mas não está chuva e quanto ao jantar, caso não haja comida vamos a casa do S. a comida não é assim tao importante. Obviamente chegámos já com os portões a serem encerrados. Outra das situações foi aquando duma disputa em que duas pessoas estavam fisicamente a lutar e gritei para o A. agarrar o O. o O. fartou-se de dar cotoveladas, cabeçadas, pisadelas na ânsia de se libertar da camisa-de-forças que o A. criou. Ponto um, o O. foi incapaz de se libertar, ponto dois o A. nem pestanejou. No final de toda a situação fui ver como ele estava e pedi-lhe desculpa ao que ele responde com o seu indescritível sorriso: “*Não há problema, já levei pior!*”

Tudo isto para chegar ao ponto em que A. tem um amigo em Paris que é proprietário de um Chixa bar, onde por vezes decide trabalhar, com a vestimenta apropriada, a acender a Chixa dos turistas por 50€ por noite. Mas não é muito frequente, parece preferir a vida em Calais. Tem uma rotina, amigos, onde dormir e frequentemente, o que comer. Sinceramente, não me atrevi a tentar entrar mais profundamente na sua história de vida, além do facto que demoraria anos (devido ao que eu chamo apanho-lo lucido ou não), para conseguir decifrar o que para ali vai, outra das razões, é porque o “que para ali vai” me parece um caminho que não quero descobrir, feridas antigas de um amigo que se tornariam minhas e:

“ (...) *contento-me por afrontar a crença comum de que a loucura é uma ilha perdida no oceano da razão, sugerindo que ela pode também ser encarada como um continente que se mascara de razões. Ante os que não vacilam em estipular barreiras rígidas entre o mundo da loucura e o da razão, a minha vacilação sugere passagens de*

cerca de um a outro desses mundos, pois as cercas só existem na pressuposição do acercamento dos mundos que pretendem separar.” (Pais, 2006: 77-78)

4.2 CONDIÇÕES

(os campos de refugiados) Eles geraram sua própria violência, criando o contexto híbrido de uma vida social permanentemente “acampada” [encampée], localizada em espaços fronteiriços, marcados fisicamente por barreiras, check-points, cercas ou muros que circundam todo tipo de campo (campos dos chamados “deslocados internos” [déplacés internes], de “refugiados”, de “agrupamento”, ou zonas ditas de “espera para pessoas em instância”, zonas de “trânsito” etc.). A condição das pessoas que ocupam esse entre-lugar – administrativamente considerados como deslo-cados [déplacés], refugiados, requisitantes de asilo, imigrantes clandestinos etc. – é definida pela extraterritorialidade e pela exceção, dois instrumentos jurídicos ou institucionais para mantê-los à parte. (...)criar um termo genérico para compreender os espaços da intervenção humanitária em todo lugar e sob diversas formas. (Agier,2012:13)

As condições em Calais são deploráveis, começando pelos precários abrigos (tempo e policia) de identidade, de voz, de liberdade, humanos *san papiers* que se veem despojados de tudo parecendo apenas restar o sonho, o sonho do incerto e desconhecido, e a fé, entendendo que as provações diárias são desejo do divino.

Esta fracção do trabalho será aprofundada à medida que se vai “entrando no terreno” e serão descritas em primeira mão e detalhadamente.

Durante o Verão a comida fica a cargo de cozinhas associadas com grupos como os NoBorders de cenário anarquista. A cozinha faz a distribuição de comida: pequeno-almoço, almoço e jantar. Durante o resto do ano tal tarefa esta entregue a *Belle Etoile* e ao Salam, duas instituições de caridade que fazem apenas almoço e jantar. Em Março a *Belle Etoile* deixou de fazer a distribuição pelo que apenas existe jantar. Quanto à qualidade...

A igreja *Secour Catholique*, de dois em dois sábados faz uma distribuição de roupas, cobertores e sacos cama ao público em geral. Apesar de sempre bem vindo, o material disponível não corresponde às necessidades. Os Noborders e mesmo individuais tentam organizar e promover campanhas para conseguir atender aos pedidos, mas nunca é suficiente. Se um cobertor se molha é matéria inútil por pelo menos por três dias e há

que o substituir; outro dos exemplos, prende-se com a acção policial, nomeadamente usando *pepper spray* nos cobertores, inutilizando-os para sempre, seja para um humano *san-papier* seja para um cidadão francês. Não é claro que este gesto é uma clara violação dos direitos humanos?

Tenta-se esconder a violência por parte dos polícias perante os humanos *san-papiers*? Não, estão aí as fotografias que o comprovam! Violência gratuita, não vendo o “outro” como “um outro humano como eu”.

4.3 ESTRATÉGIAS

Sem dúvida que os camiões são o veículo mais frequente através do qual os humanos *san papiers* chegam a solo Britânico. Envolvendo as seguintes técnicas, Pôr-se do lado das rodas, assentes em metal, agarrados aos ferros, sustendo o seu peso corporal durante horas; na parte superior da cabine do motorista; e o mais frequente, dentro do camião, onde chegam a ficar mais do que um dia fechados em angústia na ansia que o veículo se mova e atentos a qualquer ruído. Tive conhecimento de vários casos em que mais de 10 humanos *san-papiers* se encontravam nos camiões e os inconvenientes iam desde o ter de urinar no camião e lá permanecerem durante horas, até situações de perda de consciência.

O comboio Eurostar, que apesar de muito tentado, não é bem sucedido, há que saltar no ponto e no momento exacto. Nunca percebi exactamente como consiste este método.

Uma pequena parte destes humanos, penso que os mais cansados, e num caso que acompanhei, representando os mais desesperados, tentam a nado.

Outro dos métodos é através de *smugling* mas é necessário entender que há uma grande diferença entre este e tráfico humano e os termos não devem ser usados e entendidos do mesmo modo. Tráfico descreve o movimento irregular de pessoas, seja dentro ou entre fronteiras, contra a sua vontade, com o propósito de obter ganhos financeiros, ou seja coercivo e explorador, envolvendo a ameaça e o uso de força e o abuso de poder sobre os indivíduos. *Smuggling* envolve também a “facilidade” de atravessar fronteiras “ilegalmente” mas em princípio, aceites por mútuo acordo, por duas partes que o decidem fazer mas em princípio, não implica os mesmos níveis de abuso e exploração

do tráfico humano. (RCR, 2008; 80). Apesar de haver (poucos) relatos, poucas conversas ou discussões abertas acerca deste tema, considero importante referir certos pontos: apesar destas definições deverem ser entendidas como conceitos e fenómenos diferentes, muitas vezes o *smuggling* confunde-se com o tráfico. Uma vez vincado a determinado *smuggler*, só o simples facto de ser visto com outro *smuggler* pode originar graves consequências para a saúde do indivíduo, chegando mesmo ao ponto em que se pode dizer, problemas entre a vida e a morte, mais reparei que os indivíduos que estão sob alçada de um dos *smugglers* se tornam como seus serventes, desde pequenos favores como o levar tabaco ou haxixe ao ser obrigado a “trabalhar” forçosamente no mesmo ramo, esta situação emprega-se principalmente em situações em que os indivíduos não dispõem de dinheiro para os seus parceiros comerciais sendo o seu corpo/trabalho usado como “moeda de troca”. Situações como esta são o que dão origem a uso do termo máfia na esfera estudada, entendendo que apenas se visa o lucro e se usa o outro para o obter. Como aconteceu com um humano *san-papier*, que entregou 200 euros a *pseudo-smugglers* e estes simplesmente desapareceram. Nesse dia dizia-me a chorar: *“Why i still believe in humankind?!”*. Contudo tive conhecimento de uma situação em que após o *smuggler* ser detido, um dos humanos *san-papiers* tomou o seu lugar (uma vez que estava a tentar atravessar com o indivíduo detido e já conhecia os rituais e caminhos, soube também que este indivíduo cobrava 1000 euros por pessoa (há que se considerar também o risco que se corre ao fazê-lo), contudo fiquei também a saber que só numa noite conseguiu fazer passar sete pessoas, sendo que só uma dispunha de recursos para pagar. Este novo *smuggler*, sendo antes de mais um humano *san-papier* que sabia o que é viver no limbo e logo a premiação monetária não era um entrave ou motivação a sua nova actividade; há ainda “outro método” com os *smugglers*, o dinheiro fica com uma terceira pessoa, acordado antes da partida que aquando da chegada do humano *san-papier* a Inglaterra este deve telefonar a confirmar o seu bem estado e que o dinheiro pode então ser dado ao *smuggler*. Apesar de, como mencionado, o camião ser o veículo, a estratégia mais utilizada, este último método é o que mais me seduz, abrindo campo para nova pesquisa.

“Surge uma tendência para usar preocupações com a segurança nacional para justificar restritivas políticas de migração e asilo, o que pode colocar em crise a actuação dos Estados de acordo com as obrigações resultantes de tratados e convenções por subscritos e fazer com que muitas pessoas recorram a meios ilícitos

para chegar ao seu destino o que resulta claramente inconscientemente com o objectivo das politicas restritivas contra a imigração ilegal.” (Pinto, s:/d)

Segundo a UNHCR *“The smugglers have a powerfull hold over the migrants, some have borrowed money to pay for the long dangerous journey that brought them to Europe. The smugglers main goal is to ensure that their paying customers transit to UK. (UNHCR, 2009)* Contudo a UNHCR entende smuggling no seu sentido mais lato e incorrendo na injustiça de cair em generalizações, não dando espaço para entender que muitos o são por condição, ou seja, não viram outra hipótese num sistema que cria e camufla o culpado e principalmente, a distinção entre as circunstancias que o acto de smuggling se desenrola. Só através de cada caso é possível de entender as diferenças entre o que se apelida smuggling e o que os NoBorders apelam de Máfia; há ainda smugglers que não aceitam qualquer dinheiro.

Em qualquer dos métodos utilizados, há sempre algo em comum, duas mudas de roupa: para que o reconhecimento do indivíduo a procurar se torne mais complexo na medida em que as autoridades procuram um indivíduo com a descrição X, nomeadamente em relação à roupa, assim, muda-se de roupa deixando de corresponder à descrição que as autoridades procuram.

Excerto de diário de Campo

O A. da eritreia, esteve hoje a explicar-me a razão por que usam tanto perfume: “you have to put perfume for five days in order that the dogs cannot smell human body, in the matter that is too much for the dogs, too much!!!”, ainda me explicou que se eu quisesse ir era mais difícil porque o cheiro de “mulher” é mais forte, por causa dos cremes e perfumes. (...) Foi-me dito várias vezes que os controlos franceses os detectam mas que os deixam passar, facilitam... mas os controlos no Reino Unido não perdoam.

4.4 CONSEQUÊNCIAS

Como corolário das políticas restritivas temos frequentemente, traumas, feridas e mortes.

Excerto do diário de campo

(no ferry em direcção a Dover) Olhando para a Água vi algo a boiar, era um saco de plástico. Durante uns minutos fiquei assustada, atordoada (...) quantas histórias ouvi acerca dos que aqui se perderam. Quantos mais terão de desaparecer, para que se tome uma acção, para que se mude a porra de uma política de merda?!

O comentário não fica por aqui, mas abster-se de qualquer pressuposto radicalista pareceu necessário neste momento.

Na minha primeira noite em Calais, “a primeira impressão”, um dos humanos san-papiers partiu a perna, teve que ser operado mas consegui ser enviado por métodos que não exigissem qualquer documento ou dinheiro, (também eu tive a necessidade de recorrer a este método).

O número de humanos san-papiers que pereceram em Calais é incerto, havendo especialmente casos marcantes na história desta unidade: em 22 de Dezembro de 2010, foi encontrado num canal de uma ponte o corpo de Ismael, da Eritreia. Sendo este o caso aparentemente mais significativo nesta unidade, havendo mesmo um retrato seu no escritório. A indignação deve-se ao facto de o caso ter sido arquivado. Quanto ao seguinte exemplo não sei o nome do humano san-papier, K. do Afeganistão (não falamos nenhuma língua em comum) levou-me ao seu *Facebook* para me mostrar fotografias, mostrou-me a de um jovem e disse-me por gestos e por simples palavras do género: *Mon ami*. Não percebia e ele fez o gesto que entendo como sinónimo de dormir e continuou: *moi* (apontava para os olhos como modo de dizer que viu) *police... mon ami* (imitando o acto de empurrar com o bastão) terminando com o gesto que

representava: o meu amigo morreu às mãos da polícia e eu vi tudo... mas não posso falar. Fiquei destroçada.

Excerto de diário de campo

Quantos mais têm de partir membros ou vê-los serem partidos, quantos mais terão de que se cortar, mutilar, quase degolar, ficar amarrados nos ganchos?! (...) cortados e presos no arame farpado? (...) a busca de medicamentos para a dor é incessável (...) o Z. apareceu aqui (escritório) com o dedo indicador aberto (...) cortou-se no arame farpado (...) levou 8 pontos. (...) A. “caiu à água de chapão” e não consegue respirar, tem o peito todo pisado (...) o smuggler do A. cortou-o no braço, não vi (...). (...) Como os smugglers não aceitam levar crianças (...) querem meter os miúdos no camião frigorífico. Eles sobreviverão? (...)

Até hoje não tive nenhuma informação referente ao caso das crianças acima mencionadas (um menino de 8 anos e uma menina de 4 anos) e, neste caso, entendo a ignorância como uma bênção.

Caso os humanos san-papiers sejam apanhados a tentar fazer a travessia, as situações mais comuns são as seguintes: serem simplesmente deixados no *Salam* ou em qualquer outro ponto da cidade; serem detidos por umas horas e depois libertados (acontece frequentemente, principalmente em casos em que as autoridades já conhecem o indivíduo, quando já o capturaram vezes suficientes para se lembrarem); serem detidos por tempo indefinido; serem levados para uma zona deserta a “70/80 km” e deixados ao acaso, fazendo o caminho de regresso a Calais, pedindo boleia ou tentando novamente esconderem-se em veículos; em última instância: o desaparecimento total. Frequentemente me foi dito que os controlos franceses facilitavam, certos humanos san-papiers foram avistados e ignorados, facilitando a sua passagem para o Reino Unido, tornando-se assim, problema dos outros mas frequentemente, chegados a Dover são reenviados imediatamente para Calais ou permanecem por algum tempo em detenção em Dover, o que neste contexto, para os humanos san-papiers pode ser benéfico uma vez que facilita o processo de pedido de asilo.

Há situações caricatas, duras, surreais e *bipolares* (na medida em que dei por mim muitas vezes a pensar: ”como é que pode estar a dizer isto com esta postura?!”) mas sobrevividas para serem contadas e recontadas.

Como mencionado a grande maioria é Árabe, e embora a maioria fale inglês fluentemente mas sendo o alfabeto diferente, não conseguem ler as guias de transporte ou de remessa, impedindo assim, o acesso à informação do destino do veículo, entrando então no camião com destino errado e frequentemente, o destino é Bélgica ou Holanda, de onde voltam caminhando, tentando novamente com o camião ou à boleia.

Uma história frequentemente contada, que se tornou rotineira, era a de uma situação em que o M., um humano *san-papier* da palestina e outro do Egipto foram interceptados pelos controlos e a história resume-se assim:

Quando foram interceptados pelas autoridades, foram indagados acerca da sua nacionalidade, ao que cada um responde, palestina, Egipto, e Miguel respondeu “*portuguese*” a resposta da polícia foi “*Portuguese, pourquoi?!*” (visto que Portugal pertence ao espaço Shengen) ao que Miguel responde “*Je ne c’est pas*”. Seguindo dos pedidos de identificação, a polícia disse “*Papiers!*” ao que Miguel responde: “*Papier? No papier, plastic!*” e mostra o seu cartão de cidadão. Não havia ninguém em Calais (dentro desta esfera) que não tivesse já ouvido esta história umas quantas vezes.

Um ultimo caso exemplo, foi deveras impressionante para mim, tornou-se tao hedionda aos meus sentidos que a determinada altura deixei de ouvir e só conseguia imaginar-me a mim naquela situação. O modo como A. contava uma das suas (des)aventuras, assemelhava-se a um comediante contando uma anedota, como se fosse a melhor comédia do mundo, um mundo *bipolar*. (A. neste momento, encontrava-se há já nove meses em Calais, e a grande parte dos seus amigos já haviam cruzado). “*Malade de la tete? C’est normal*”. Expressão comumente usada para descrever tanto humanos *san-papiers* como activistas, e repetia-se isto, em italiano, em espanhol, em árabe ou em sueco mas todos conheciam a rotina e a *piada*.

Voltando ao exemplo, estavam num camião de PVC, até que o oxigénio dentro do tanque começou a escassear, aperceberam-se das dificuldades em respirar, uns começaram a rezar, outros a bater no camião para chamar a atenção do motorista, tentando que este parasse o veículo e os libertasse, outros telefonavam a despedirem-se (o último adeus) e o A. a ligar para o escritório a dizer: estamos no camião X, descrição

Y com destino a Z, implorando para ligar à polícia para fazer parar o caminhão ou então todos morreriam ali.

“Eu chego ao Reino Unido, nem que seja morto!”

Esta história deixou-me deveras perturbada, são os meus amigos.

5. Campo- o limbo

Terreno – A Chegada

Quando cheguei por volta da meia-noite, telefonei para o escritório para alguém me vir buscar à estação de comboios como combinado, a pessoa que me atendeu não parecia muito motivada a vir buscar-me e tentou explicar-me o caminho mas dado o meu estado no momento foi-me impossível entender as direcções pelo que, passado cerca de meia hora, chegou um indivíduo com os seus 25 anos de bicicleta, não foi preciso muito para sabermos quem procurar e quem esperava uma vez que eu era a única pessoa naquele local, naquele momento. Aparência bastante normal, tshirt, jeans e ténis, podia ser qualquer um. Dirigimo-nos para o escritório fazendo conversa de ocasião, é irlandês e disse-me que havia um português, (de longe imaginava o protagonismo que viria a ter), que ficaria muito contente por me conhecer. Até aquele momento o contacto foi sempre em inglês. Pelo caminho T. recebe um telefonema e fica notoriamente conturbado. Diz-me que uma pessoa (san-papier), ao tentar saltar para apanhar o comboio (saltar para o topo) partiu a perna e que, como tinha a bicicleta tinha que ser ele a socorrê-lo, explicou-me o resto do caminho que, felizmente era “curto e direito” e partiu. Fui para o escritório, com esta situação como primeira impressão.

Quando cheguei ao escritório fui extremamente bem recebida, estavam apenas activistas e o ambiente era bem relaxado. Estavam duas jovens alemãs, um finlandês (com o qual eu simplesmente não me consegui entender), o N. da Dinamarca, que viria a tornar-se amigo e companheiro, um espanhol que foi embora passado dois dias e com o qual não convivi muito, e, finalmente, o M.. Mas os activistas mudavam frequentemente, uns vinham por dois dias para conhecer Calais outros por semanas, mas o fluxo era constante e a mudança de activistas e dinâmica do escritório mutavam frequentemente. O escritório parecia, realmente, um escritório: pintado de azul com secretaria e computador, papéis e livros por todo o lado, sofás, cadeiras e papéis afixados na parede escritos em diferentes línguas, e uma casa de banho ao fundo. Ao lado do escritório ficava outra divisão transformada em quarto para acolher os activistas, (embora muitos dormissem no mesmo local dos humanos san-papiers, o que eu viria a fazer no dia seguinte), com lugar estimado para dez pessoas até ao ponto em que se tornariam umas quarenta (voltarei a esta questão no capítulo sobre o Inverno). Nada me foi explicado quanto ao meu papel como activista naquele lugar, apenas me perguntaram se queria fazer o “*Morning watch*”, com o T. Explicou-me que às seis da manhã tínhamos de

estar no *Salam*, uma vez que as “raids” policiais eram sempre feitos, aparentemente, entre as 6 e as 8 da manhã, após essa hora, “já não havia nada a temer”, deveríamos equiparmo-nos com apitos e câmaras fotográficas. O primeiro item, utilizado para a vigília, caso a polícia fosse avistada, mostrando indícios de tentativa de raid, apitávamos para os migrantes saírem do *Salam* tentando assim evitar o confronto com a polícia e obviamente as consequências que este encontro poderia vir a acarretar. Com o segundo item (a câmara fotográfica) procurava-se documentar a violência policial, o que foi conseguido em muitas situações. Prontamente acedi. Era o meu primeiro dia e queria ir para o campo o mais rapidamente possível. Mas a visita ainda não havia terminado. Ao lado do escritório encontrava-se outro edifício, o *hangar*, (a porta estava cravejada de papéis colados com a informação/directrizes de como agir, representando o modo de conduta esperado naquele espaço, para além de vários papéis em diversas línguas dizendo para manter a porta sempre fechada (dificultando assim, a intervenção policial), era, sem dúvida um espaço enorme, aberto das 10 às 22h (teoricamente), o hangar era um edifício “aberto”, sem divisões, sem fronteiras físicas (exceptuando a casa de banho) mas onde tudo parecia dividido de acordo com a actividade a que se propunham e que quanto a mim pode ser “dividido” por seis fracções. A primeira, logo à entrada (do lado direito) havia 4 computadores em sequência para os humanos *san-papiers*, que se organizavam entre si devido ao elevado número de humanos *san-papiers* em comparação com o número de computadores disponíveis, decidiram fazer diariamente uma lista de espera – cada um punha o seu nome na lista, ou pediam para pôr, e esperavam pacientemente pela sua vez, punham o seu nome e tinham “direito” a meia hora de utilização, este “método” sempre foi respeitado e bem aceite, havia pequenas excepções como quando, por exemplo, alguém tinha um problema a ser resolvido rapidamente ou insistindo na relação de amizade, o que eu chamo de chantagem emocional mas que de um modo ou outro parece, nunca originou situações de conflito; ao lado encontrava-se um sofá, como que uma espécie de sala de espera para o computador, com imensos livros e revistas, onde as pessoas se sentavam, conversavam, jogavam cartas ou xadrez. Em frente a esta sala encontrava-se uma pequena parte quase como dividida mas sem fronteiras físicas sendo a “a cozinha do hangar” com um fogão de duas bocas, e permitindo assim, tanto aos humanos *san-papiers* como activistas preparar pequenas e grandes refeições, dependendo do propósito e da motivação. Ainda nesta primeira fracção, encontrava-se um pequeno quarto (tipo armário) onde se armazenavam as ferramentas. Cabe frisar que uma dos mais requisitados pedidos no

hangar era acerca da possibilidade de carregar o telemóvel, uma vez que na “R’araba”, nas *Jungles* e no *Salam* não há tomada. A segunda fracção, era formada por uma espécie de sala improvisada, com sofás a fazerem uma forma de U com uma pequena mesa no centro, com livros e informação referentes a questões legais, nomeadamente, de apoio ao processo de legalização de indivíduos *san-papiers*. Este “espaço” parecia destinar-se mais para o convívio, o dialogo, as duvidas e os desabafos. A terceira fracção, é constituída por um quadro grande (como os que se encontram nas escolas em Portugal), duas mesas, com livros e papeis em branco de modo a serem utilizados. Este quadro era usado, principalmente no ensino das línguas, os activistas a ensinarem inglês aos que não falam a língua e os migrantes ensinavam aos activistas as suas línguas, principalmente Árabe; este quadro servia também para deixar mensagens, a que melhor recorde dizia: “ *Please forget me*” ... A quarta fracção, era uma pequena área dedicada à reparação de bicicletas, principalmente e coincidentemente virada para meca, onde os agentes sociais faziam as suas orações ajoelhados sobre um cartão da “Era imobiliária.”

“ Quando o esforço individual é insuficiente para se chegar a ter o que se deseja, o recurso ao divino ou ao transcendental pode ser visto como possibilidade de resolução de problemas aparentemente insolúveis. O que sugere é que o sentimento de pertença religiosa pode aliviar tormentos de angustia e de insegurança entre quem vive dilemas pessoais ou rupturas desestabilizadoras (...) o que sustenta que a debilidade do sagrado está intimamente associada ao “desencanto do mundo”.(...) Ora a religião (...) oferece a oportunidade de reconstituições identitárias, quanto mais não seja através da ilusão de um mundo de paz e bem-estar que os esperará num idealizado reino de Deus. (...) As ritualidades religiosas são, muitas vezes, soluções mágicas aos problemas da vida social. Quando os crentes se confrontam com o sofrimento (...) podem superá-lo melhor do que os “não crentes” ao encararem o sofrimento como um custo a ser compensado por benefícios sagrados – a “salvação”, desde logo.” (Pais, 2006:231-234)

Viria a constatar que o mesmo sucedia no *Salam*. A quinta fracção é só uma pequena mesa onde, a *grosso modo*, o pessoal se junta para a “cusquice”. A sexta e última representa o jardim/quintal, cercado por um muro com escadas em pontos estratégicos para o caso de a polícia conseguir entrar. Havia uma mesa redonda (de explanada de café) e umas quantas dúzias de cadeiras de plástico que o tempo e o Humano já se encarregaram de desgastar ou partir. Curiosamente, havia um espelho enorme que muito

me intrigou, até perceber que ali estava porque o jardim era também o espaço destinado a ofícios de barbeiro.

A pessoa que partiu a perna foi trazida para o escritório para ali repousar e recuperar, uma vez que no escritório só era permitido aos activistas dormir no escritório, com as seguintes excepções: mulheres, crianças ou feridos.

A razão pelo que utilizo tempos verbais no passado para descrever o escritório e o hangar, prende-se com a razão que este escritório já não existe, e foi entregue, pelos activistas, em Março de 2013 aos humanos san-papiers.

5.1 O Verão

No meu primeiro dia de campo mal tinha dormido, era tal a ânsia de me confrontar com o terreno. Creio que qualquer etnógrafo quando confrontado com os fantasmas da sua primeira pesquisa, é capaz de se identificar com a sensação, com esse estado de espírito.

Do escritório ao *Salam* eram cerca de 30 minutos caminhado, estava entusiasmada com o que me esperava, aquela meia hora pareceu-me uma eternidade.

Nesta altura ainda não era capaz de tomar consciência da cidade e das suas relações e interdependências com o fenómeno que procurava estudar tal era a ansiedade de ver o local onde estavam os “meus” agentes sociais. Contudo, foi de extrema importância esta primeira viagem, o T. foi-me falando da situação e do que deveríamos fazer, basicamente qual era o nosso papel como activistas em Calais e quais as lacunas a que nos propunha-mos tentar preencher, sobre este tópico falarei mais adiante, uma vez que este primeiro dia me ensinou (à bruta) a perceber o que é ser activista em Calais. A caminho do *Salam* passamos pela “*White House*”, onde os humanos san-papiers se aglomeravam e criavam abrigos de plástico sob as calheiras. Já lá estava a K. pronta para o “*Morning watch*”, outra activista, alemã, que estava já a morar lá há dois meses e meio, no acampamento do seu namorado, afegão, que naquele momento estava na Coquelle (prisão) há já mais de um mês. Escrito na parede da “*White House*”, a graffiti podia ler-se “*Niqué la police*”.

Passando a estrada estávamos já a entrar no perímetro do *Salam*, onde a mesma frase se repetia e por vezes mutava para “*Niqué le system*”. À entrada encontravam-se duas casas de banho (de plástico e portáteis, como as que se usam em festivais), com gradeamento de 3/4 metros em verde e um buraco na rede a fazer a entrada e saída, poucos metros à frente há uma fonte de água, onde já alguns indivíduos tratavam da higiene (uma vez que a grande parte dos agentes sociais ali presentes é muçulmano, levantam-se cedo para fazer a oração a Alá). O local onde os agentes sociais dormiam era uma formação em forma de U, de plástico e metal, como as de um mercado, dividido em sectores de 3 por 4 metros (minha estimativa), alguns desses sectores estavam “descobertos” e era possível ver os indivíduos a dormirem no chão, alinhados, contudo a grande parte dos sectores estava protegido com cobertores que funcionavam como paredes, tanto para os olhos como para o tempo meteorológico. Com o tempo vim a aperceber-me que os indivíduos se agrupavam segundo a nacionalidade. A polícia não

apareceu e a pouco e pouco acordavam mais indivíduos, que prontamente se apresentavam e começam a tentar conhecer a nova portuguesa. Disse a várias pessoas, (a grande maioria fala inglês, bastantes falam italiano e outros ainda espanhol, línguas aprendidas no percurso até Calais), que estava em Calais como activista mas também para escrever a tese de mestrado para a universidade, e a alguns expliquei especificamente em que tal consistia, resultado: ao fim do dia toda a gente me vinha perguntar se eu trabalhava para o Governo Português, o que confesso, foi bastante caricato. O T. voltou para o escritório mas eu decidi ficar. Procurei a K. e ficamos a conversar, enquanto à nossa volta se juntavam humanos san-papiers, curiosos com a nova presença, e graças a K. em pouco mais de meia hora fiquei a conhecer uns cinquenta agentes sociais. Que, apesar de estarem naquelas circunstâncias, se mostravam com uma leveza e empatia, para comigo, extraordinárias. A K. já me tinha advertido para uma das situações de desconforto entre as activistas, o modo como nos vestimos, o abraço que damos como forma de cumprimentar, despedir ou consolar, tende a provocar situações que vão do dantesco ao caricato, uma vez que o papel da mulher nos seus países de origem, a maioria muçulmana é muito diferente dos modos de agir no ocidente, acabando muitas vezes por se tornarem em mal entendidos. E há que ter em conta, que para os 350 homens (aproximadamente), deparei-me, em dez semanas, com apenas seis indivíduos do sexo feminino. Durante este primeiro dia apercebi-me dessas dificuldades. Falarei sobre estas no final deste capítulo mas transcrevo um excerto escrito a meio da tarde. Como sempre, em Calais, a noite é mais conturbada, e estava longe de prever o que ainda aí viria.

Excerto do diário de Campo

“ A A. contou-me que um dos gajos “vinha com segundas intenções”, e ela recusou ele lhe perguntou: “então o que estás aqui a fazer?” (...) até agora pelo menos uns 20 gajos pediram-me em casamento. (...)Um paquistanês lá me esteve a explicar as suas táticas e tentou mostrar-me, usando o seu dedo anelar para demonstrar o tamanho do seu pénis. Basicamente o gajo estava a tentar convencer-me que podia não ser muito grande mas que com as suas táticas a satisfação era garantida. Com este só me conseguia rir. Outro veio chamar-me a lado, eu a pensar que tinha acontecido alguma coisa ou que precisava da minha ajuda, (ele lá precisa de ajuda mas não é a minha) então qual não é o meu espanto quando o gajo, mas de modo muito querido me implora para ter sexo com ele dizendo que já não dá uma há dois anos. Coitado, pensei eu, mas não consegui conter o riso e disse-lhe que não, obrigada e tive de sair da beira dele.”

Voltando à “*White House*”, enquanto fazíamos conversa foi-me explicado o dia-a-dia em Calais, quer pela K. quer pelos humanos san-papiers. As pessoas começavam a reunir-se na *White House* uma vez que em Julho e Agosto as instituições tiram férias, e a distribuição de comida é feita por cozinhas alternativas como a “*Food for Action*”, esta equipa de cozinha vem de Berlim e encarrega-se da colecta, confecção e distribuição de comida, importante mencionar que é uma cozinha vegan/freegan, ou seja nenhum animal ou algo proveniente de um animal é confeccionado, para além de que por freegan, refiro-me à colecta da comida em contentores, depois de os supermercados fecharem ou ao uso de bens cujo período estimado de validade já se estendeu há anos, e que os negociantes vem como favor, uma vez que não têm a necessidade/responsabilidade de lidar com o que consideram que já não é comestível (creio que a maioria dos humanos san-papiers desconhece a proveniência das suas refeições). Além de que os activistas que não pertencem à equipa da cozinha, buscam também por padarias e mercados. A distribuição de comida é feita às 10h, o almoço às 13h e o jantar às 19h. A carrinha chega e é um momento de alegria, todos já conhecem o ritual, respeitam a fila e lavam os seus pratos e talheres no final das refeições. Adjacente ao escritório e ao hangar, havia também uma garagem a dois minutos do *Salam*, onde se armazenam os cobertores, roupa, calçado, bens de pessoas que já partiram mas que não nos sentimos no direito de lhes dar um destino, ferramentas, tendas, plásticos, fita-cola, muitos medicamentos para as dores e constipações, principalmente, e uma grande quantidade de ligaduras e pensos. Na hora das refeições é frequente as pessoas pedirem para irmos à garagem porque precisam de mais um cobertor, ou de qualquer outro dos itens acima listados.

Uma carrinha que vem buscar os humanos *san-papiers* (à terça e quinta feira) para tomarem banho, conduz-se durante 20 minutos e encontra-se uma espécie de balneário improvisado onde distribuem sabonete, lâminas de barbear, roupas, bem como chá ou café, acompanhados por biscoitos ou pão para facilitar à espera. Fiz a viagem até este lugar a pé (acompanhada pelo M. e pelo A. do Irão), caminhamos por duas horas e tivemos que atravessar a autoestrada para aceder ao local, conclusão: em três semanas tomei um banho. E quantas vezes ouvi “*podes tomar banho ali*”, mesmo sem questionar, certos humanos *san-papiers*, ficavam muito transtornados com a “falta de higiene” dos activistas, certa vez, um humano *san-papier* paquistanês disse-me, referindo-se aos meus pêlos nas axilas “*Isso é feio!*” Existe também outro local, uma espécie de clínica: “*La PASS*” que oferece o mesmo serviço e fica mais próxima, contudo, o número de pessoas a recorrer a este é enorme. Durante o Verão, mal tinha eu chegado, “proibiram-se” os banhos aos humanos *san-papiers* visto que a conta da eletricidade ascendia os 1400 euros e claro, não havia verbas para pagar. Decidi então que, se “eles” não podem eu também não posso, pelo que, a partir do momento desta decisão nunca mais tomei banho no hangar.

A pouco e pouco foram-se descobrindo novos refúgios, casas, abrigos, *squats* e *jungles*. Sendo que tinha como pontos principais o *Salam*, o escritório e a *Africa House*. Logo no primeiro dia fui convidada pelo K. do Sudão (“chefe” do squat) a ir jantar na *Africa House*, aceitei prontamente. Pedi ao N. para ir comigo, visto que ele já conhecia quase toda a gente e entendi que seria mais cómodo para mim. O K. levou-nos para o seu refúgio, uma espécie de “barraco”: chão em terra batido, tijolos crus e podres e o telhado consistia numa placa de metal. Havia três colchoes para 5 pessoas, sendo que o K. ficava com a cama grande só para ele, todos pareciam respeitá-lo, agora percebo que não era respeito era medo. O jantar foi agradável, amigável, calmo. Cozinhamos com latas de cerveja furadas com velas, o que para mim foi fascinante, terminado o jantar K. encarregou alguém de tratar do chá, chá com leite e uma quantidade industrial de açúcar disseram-me o nome mas não me recordo, servido em pacotes de leite, cortados ao meio e servindo assim, como chávenas. Poderia descrever-se muito sobre este jantar mas não se parece premente. Já tarde, cansada, perguntei ao N. se queria ir embora, disse que sim. E despedimo-nos em bons termos. Ora a *Africa House* não era só o quarto do K., antes de sairmos do perímetro da *Africa House*, fomos ao encontro de outros humanos *san-papiers*, estavam à volta do fogo, ficamos poucos minutos a conversar com eles até que alguém atirou água e apagou o fogo, não havia qualquer luz, só ouvia gritos e berros

em árabe, pensei que a polícia tinha chegado e estavam a tentar fugir, mas não conseguia entender nada, começaram a gritar Denmark, Denmark! E quando dei por mim já uma mão me tirava dali. Um sudanês tirou-me a mim e ao N. da *Africa House* e depois explicou que quem apagou o fogo foi o K. porque eu era sua convidada e o N. estava a tentar “*roubar-me dele*” (vindo o K., dias mais tarde a proibir a entrada do N. na *Africa House*) fomos os três em direcção ao escritório, e a pessoa que nos salvou e acompanhou mostrava-se deveras perturbada, paranóica e fazendo pouco sentido. Chegados ao escritório junta-se a A. e esta pessoa insiste para que eu ou ela durmamos cá fora uma vez que (teoricamente) era proibido aos humanos *san-papiers* ali se quedarem e que temia regressar à *Africa House*, uma vez que nos tinha “*salvo*” do K., a discussão começa porque queria ficar com uma das raparigas e não com o N. que se ofereceu prontamente a ficar com ele onde este quisesse, este começa a dizer que somos racistas, que ele é o *preto burro* e que por isso merece dormir sozinho na rua enquanto nós, os europeus dormimos quentinhos e protegidos no escritório. Esta situação durou pelo menos duas horas até que vou ao escritório e trago sacos-cama para todos e digo “pronto, dormimos todos aqui”, uma vez que o intuito desta pessoa era dormir com uma activistas e não com um aglomerado decide ir embora, foi resmungando em árabe e nunca mais ninguém o viu. Esta situação afectou-nos fortemente, o N. e a A. estavam como que prostrados queixando-se que esta regra, que impede os migrantes *san-papiers* é injusta e não faz sentido. Sentei-me junto a eles e disse para deixarem de ser hipócritas, a pessoa não ficou lá porque nos estava a incomodar, não era por causa da regra. Perguntei ao N. “*se fosse o A. a precisar de aqui ficar dizias que não? Se estás tão preocupado com as leis e regras estás no sítio errado*”, N. concordou comigo, A. esquivou-se. Seja como for, a regra não se tornava aos nossos olhos menos injusta pelo que decidimos procurar outro sítio para dormir, encontramos pelo caminho outro humano *san-papier*, já conhecido, que nos acompanhou. Acordei a meio da noite com ele a agarrar-me a vagina, mandei-lhe uma cotovelada que o fez embater na parede violentamente, os outros não acordaram, fiquei perturbada mas ali permaneci e dormimos.

Acerca de K. pouco se sabe, encontra(va)-se em Calais antes de todos nós, mas uma vez bêbedo, disse-me que mataram a mulher (esposa) à sua frente e que o seu filho está desaparecido no Sudão, não sabendo se está vivo ou morto

Devido ao intuito inicial da pesquisa se vocacionar estritamente na questão dos

humanos *san-papiers*, decidi que dormiria no *Salam*, e assim o fiz. Na primeira noite, todos os cobertores que “*dei*” foram-me “*devolvidos*”:

Excerto de diário de campo

Chegava um e punha-me um cobertor por cima, eu já estava cheia de calor, e a um disse que não precisava e acho que ele me interpretou mal, como se eu fosse superior para aceitar a sua ajuda, o ambiente ficou pesado pelo que decidi não voltar a recusar cobertores, resultado: dormi com uns 20 cobertores em cima (...) Fui acordada por um dos activistas (sexo masculino) que me perguntou se tinha passado a noite ali, respondi que sim, ao que ele respondeu: “you’re brave!”. Fiquei a pensar se me teria precipitado.

Nunca nada me aconteceu e nunca me senti em perigo (ao lado dos humanos *san-papiers*), pelo contrário, senti-me acolhida. Mas não sem ser inúmeras vezes questionada acerca da minha estadia em Calais, indo do “*trabalhas para o governo?*” de “*porque não dormes em casa com a tua família?*” Durante duas semanas, devido a um incidente com a polícia, mal conseguia andar pelo que todos cuidavam de mim. Quantas vezes vinha o K. acordar-me porque eu precisava comer “*Tuá três petit! Manja, manja!*”, e lá ia ele arranjar comida. Quantas vezes o S. me obrigou a comer, cozinhando especialmente para mim (sou vegetariana), quantas vezes tentou proteger-me... o S. ficava num pequeno squat, onde tinha o quarto dele, o quarto do O. e uma sala comum, onde no Inverno viriam a ficar muitos humanos *san-papiers*, de todas as vezes que fui a Calais, S. dormia na sala sempre à espera que eu viesse dormir, quantas vezes me veio abrir a porta as 2, 3, 4 da manhã?! Outros activistas, a grande parte convidada por O. (que convidava todas as activistas), tinham que ficar na sala e quando lhe perguntavam se podiam ir para o quarto (uma vez que estava vazio), dizia em árabe “*La! Gorfa Leila!*” e durante o tempo que lá estive, ninguém, a não ser eu ali dormiu. O S. tornou-se meu pai.

Como mencionado anteriormente, encontrava-se lá um português, e a sua história pode ser resumida da seguinte forma: nascido e criado no funchal no seio de uma família pobre, migra aos 17 anos para Inglaterra de onde vem a ser deportado por posse e venda de heroína. Mas a história não é assim tão simples, a ex-mulher e os dois

filhos ainda lá estão, mas segundo M. a ex-mulher mostra uma frieza tremenda; quando foi deportado, a namorada estava grávida, teve um aborto espontâneo e M. não conseguiu estar com ela, socorrê-la. M. foi encontrado por uma activista que “tentou trabalhar com ele”, mais tarde, como detentor de cartão de cidadão não havia nenhum entrave à sua estadia como NoBorder em Calais. M. não tinha para onde ir, sem dinheiro ou apoio da família, e ali tinha cama, comida e um exército de súbditos. Tem uma atitude extremamente sexista e a sua personalidade dominante torna-se frequentemente intolerável,

Excerto de diário de campo

(...) íamos os dois na rua, quando passa uma grávida, e diz-me ele: “olha que coisa tao bonita, tao fofinha..” respondi-lhe “ Caralho, nem as grávidas se safam! Vê se te controlas!” ao que me respondeu: “Assim ainda é melhor, já está recheada e assim não sou eu o pai!” apetecia-me partir-lhe os dentinhos todos!

Tem uma personalidade muito dominante o que acaba por ter um papel ambíguo, acabando por gerar muitos problemas num colectivo anarquista, apesar das discussões a verdade é que a sua dominância trazia muitas vantagens, uma das discussões estava relacionada com a colheita/recolha de comida para o escritório, alguns activistas queixaram-se de que as tarefas deveriam ser rotativas, e assim assumiram esta. Resultado: durante uma semana não houve comida no escritório até que pediram ao M. para assumir de novo esta posição, no dia seguinte fomos à padaria e viemos os dois com seis sacos industriais de farinha cheios de baguetes, e o M. lá ficou muito contente com toda a situação.

M.: “ o pessoal pensa que é muito fácil, parece que vem para aqui passar férias! Queixam-se queixam-se mas depois lá vem pedir ajuda ao “portuguese, mon ami!” é a mesma merda com as casas! Se faço alguma coisa é porque faço tudo sozinho, se não faço nada, dá nisto! O pessoal fica sem comer e sem ter onde dormir! (...) olha lá o outro espertinho (referindo-se a um activista sueco que fora detido no seu segundo dia lá, por algo que também eu considero pura estupidez!) depois de ser preso nem um peido dá sem me perguntar.”

De facto quase todos (os activistas) tinham problemas como o M. e a sua postura de “*quero, posso e mando*” mas a verdade é que todos lhe ligavam a perguntar onde fica isto ou aquilo, o que se faz nesta ou naquela situação, se ele pode ir ajudar. Não tenho qualquer dúvida que M. tinha um enorme prazer com este tipo de situações. E se havia algo para resolver sem dúvida de que ele era a pessoa indicada.

Outro dos problemas gerados pela sua atitude dominante era a dificuldade de interpretação do funcionamento e códigos de conduta a ter naquele contexto. M. era visto pelos humanos san-papiers como o Chefe do escritório, e talvez por falarmos a mesma língua, associado ao facto de que tenho também, uma personalidade extremamente dominante, entramos muitas vezes em conflito mas nunca em discussões acesas. M. acabava por usar a sua posição para receber favores dos migrantes, desde o “*Vai ali ao vizinho buscar cigarros*”, “*Vai ao Lidl buscar cerveja*” e ninguém lhe dizia que não. A palavra do M. tornava-se lei.

Certa vez tivemos uma discussão, devido a pontos de vista diferentes. Aquando do incidente na *Africa House*, o M. estava a mandar o K. (que já tinha graves problemas com as pessoas que ali se encontravam) procurar pelo ferro que o K. usou para atingir o N. E sabendo dos problemas disse: “*O K. não vai. Se queres vai tu!*”. O K. acabou por não ir, embora esta decisão não tenha sido tomada por ele, mas mais tarde confidenciou-me que não se importou com a minha postura, que, pelo contrário, sentia que eu o estava a proteger. Este é um dos exemplos mais simples. Sempre que estávamos os dois no escritório, se alguém fazia uma pergunta ou pedido ao M., esperavam a sua resposta mas olhavam para mim à espera da confirmação ou veto. Chegou-se ao ponto em que o M. era o Chefe do escritório mas eu era a Chefe do M., aos olhos dos migrantes. Esta situação e interpretações de papéis começou no Verão mas continuou no Inverno, e sim, tenho que admitir, que era bastante dominante em relação ao M., tomo como exemplos duas situações, no Verão não tinha telemóvel e o M. tinha dois, pelo que lhe informei que ficaria com um, grunhiu e resmungou mas de nada lhe adiantou; a segunda foi no Inverno quando havia só uma bicicleta disponível, e o M., como Chefe do escritório tinha “direitos sobre esta”, de pouco ou nada lhe valeu, peguei na bicicleta no 1º dia (da segunda visita) e com ela continuei até deixar Calais. Passado dois dias de eu lá estar (no Verão), já toda a comunidade sabia dizer “*vai p’ró caralho!*” chegando ao ponto de estarem umas 20 pessoas no escritório a dizerem-lhe isto (em tom de brincadeira), M. não se importava com isto, pelo contrário, até achava piada. E depois dizia: “*é isto que*

lhe ensinas? Ai o caralho vens para aqui dar-me cabo da vida!” mas sempre em tom de brincadeira e com um sorriso cúmplice. Talvez tenha sido a língua que nos uniu.

Mas continuava a ser visto como o *rei*, uma das situações que me irritou foi a seguinte:

Excerto do diário de campo

“Hoje fomos convidados para ir jantar ao “Sudanese squat”. Eu, o M. e R. (um amigo da Etiópia), o M., Egípcio estava connosco o que poderia originar problemas (dar merda) e vi o M. a dar 20 euros ao M., estava a tentar fazê-lo sem que eu e o R. nos apercebesse-mos, mas comigo não tem sorte, apanhei-o a dizer ao miúdo, “toma lá o dinheiro, não vás prá merda do Salam, vai a um restaurante, senta-te, come um bom hambúrguer e depois vai ter com a gente ao escritório.” M. não queria aceitar o dinheiro e quando voltamos para o escritório devolveu o dinheiro ao M.. Ainda ouviu! (...) chegámos ao Sudanese squat, estava o maluco do K. a cozinhar, e ao todo eramos nove. Todos nos sentamos no chão com excepção do M. que se sentou num bidão voltado ao contrário, a comida era “assira”, (não me recordo do nome, amanhã tenho de perguntar ao K.), uma espécie de farinha coberta com uma mistura de carne e feijões, (o que para mim foi uma luta, só apanhei a farinha! Sou vegetariana porra), comemos todos com a mão (direita) “assim é que sabe bem” mas o caralho do M. lá pediu uma colher porque não queria sujar as mãos. Fiquei puta da vida, queria partilhê-lo o nariz. (...) fomos tratados como VIPS o que me deixou deveras indignada. O U. já sabe o que a casa gasta e estava a tentar acalmar-me e acabei por levar a situação mais ao de leve.

Apesar do modo como o tenho descrito até este momento é necessário não esquecer que a questão de mutualismo tem aqui um grande papel, *“uma mão lava a outra”*, e sendo o M. tratado como rei a seus súbditos nada faltava, ele era a “pessoa”, quando havia um problema, precisavam de alguma coisa ou de ajuda era a ele que recorriam, depois de conseguirem atravessar era a primeira pessoa a quem ligavam. E todos entravam no escritório gritando (chamando), *“Portuguese, mon ami?”*, frase esta que depois passou a aplicar-se tanto ao M. como a mim.

O Verão tinha como hino a música do Michel Teló “Ai seu eu te pego”, quantas vezes ouvi essa música... Parece que tudo por causa do futebol, do Ronaldo e do Marcelo, dizem eles. E fico com a imagem do A. a dançar e a sorrir com a música. Os dias eram “suportáveis”, entre convívio, trabalho, os jogos e brincadeiras e os poucos momentos de ócio, a noite torna-se sempre desesperante em Calais. A grande maioria agoniava durante a noite, com as tentativas falhadas de cruzar. E todos nos despedíamos com um

sorriso, dizendo: “See you tomorrow...in England!” em tom de brincadeira mas com o olhar de desejo de realização.

5.3 INVERNO

Combinei com o M. que voltaria no início de Novembro, fui com o N. (o activista anteriormente mencionado da Dinamarca). Como já ambos havíamos estado lá, fomos directamente para o escritório. Os dois primeiros dias foram muito confusos, apesar de o primeiro ter sido emocionante, feliz e doloroso ao mesmo tempo. Fiquei feliz por as pessoas ficarem felizes com o meu regresso, fiquei emocionada ao ver os meus amigos era ao mesmo tempo um misto de felicidade e o sentimento de frustração; e era “Leila! Leila!Leila”, (quando me apresentava como Lili logo o meu nome se “traduzia” para árabe, Leila, nunca consegui perceber se significa noite ou luar, outro dos motivos para Leila, deve-se ao facto de ter estrelas e uma lua tatuada, apontavam para o céu e diziam Leila, apontavam para mim e diziam o mesmo), durante o meu primeiro dia da segunda visita (Novembro) foi a toda a hora, era bom saber que tinha amigos mas eu não queria que estes estivessem ali. Sentia-me reconfortada pelos carinhos e as caras conhecidas mas magoada por ainda ali estarem e indubitavelmente pelas condições em que se encontravam. Este dia foi muito entusiasmante para mim e foi despendido basicamente, a reencontrar amigos. A maioria estava extremamente feliz por me rever, enquanto uma pequena parte se sentia envergonhada de ainda lá estar como se estivessem a falhar na tentativa de atravessar e falhar para comigo por falhar na tentativa de atravessar. K. explicou-me que era como se sentia.

Já não conhecia os sítios porque tudo havia mudado, (à excepção do local de distribuição de comida), senti-me perdida, não sabia onde ir o que fazer, onde estavam as pessoas?

Durante o Verão a maioria das pessoas dividia-se pelo Salam, pelas *jungles*, *White House*, garagem e/ou escritório, e ainda pelos inúmeros “refúgios”, mais do que pode e me foi dado a conhecer, este cenário mudou com os despejos, em Setembro, de quase todas as infraestruturas em que se albergavam os migrantes: *Africa House*, *Salam*, *hangar*, múltiplos abrigos. Tudo parecia ruir.

Já não havia um lugar-comum” para dormir, as pessoas foram-se dispersando e encontrando casas (squats), tentou-se o hospital, uma vez que fora fechado mas aparentemente alguém ouviu e este plano não pôde ir adiante por assim dizer “*estragou o esquema*”, ainda assim vários squats foram abertos, pelos migrantes, pelos

activistas e pelos activistas e migrantes. Muitos são desalojados no dia seguinte mas “a luta continua”, *We are here and we will fight!* (NB)

Uma das maiores perdas foi o hangar, que servia como refúgio, como lugar de convívio e amizade, de lições de línguas e lições de vida.

Muitos dos indivíduos passaram a dormir n um enorme armazém de cerveja, que expirou há 4, 5,7 anos, mas continua boa “*very well*” (expressão comumente usada, como também: “*are you feel very well today?*”. No Verão, a sua existência não consistia num grande problema, (com algumas excepções mas dado o contexto era “aceitável”), dado que pouca gente tinha conhecimento da sua existência, era relativamente longe e era difícil carregar uma caixa de cerveja pela rua, quando já identificado como migrante ou activista e como já mencionado a grande parte desta unidade é muçulmana, pelo que é *H’aram* (pecado), como sempre havendo (grandes excepções). Sobre a relatividade do *H’aram* também falarei, adiante.

Este armazém vem a ser no Inverno, um dos grandes pontos de dormida para os migrantes, tentando ao máximo proteger-se do frio e da chuva, (o que é impossível neste espaço), é também um dos espaços mais problemáticos, os migrantes estão cada vez mais desesperados, os camiões são menos, mover-se nesta cidade com chuva torrencial quando se sente que já não se tem nada... as emoções estão à flor da pele e as lutas são constantes e tudo é desculpa para uma luta. O mesmo se aplicando aos activistas que desta vez conseguiram um carro por duas semanas, e, assim, o transporte é fácil. Em relação a tal, faço minhas as seguintes palavras:

“Desanuviar o espirito de que tormentos? Há uma metáfora oriental que compara a personalidade a um espelho. O eu profundo é o espelho limpo, sem imagens; o ego é constituído pelas imagens que aparecem no espelho e que este reflecte. Frequentemente confundem-se as imagens passageiras e exteriores como o “eu” profundo. Nesta metáfora, as imagens no espelho são os pensamentos, os desejos, as memórias, os projectos. Todas essas imagens “enchem” a mente mas não são a mente. Provavelmente, quando se bebe para “limpar a cabeça” procura-se um desprendimento dessas imagens que constituem o ego, procura-se “limpar” o espelho das imagens que ensombram a vida, procura-se soltar o ego, tudo à custa do álcool, pois a mente racionalista não pode soltar-se dela mesma. É como se o “eu” tivesse a necessidade de se embebedar da “diversão” da vida para ganhar consciência de si

mesmo – nutrindo-se do que a altera: o álcool e as sociabilidades que lhe aparecem associadas.” (...)“o drama do corpo cambaleante, em risco de queda, expressa o drama de uma vida que pode ser compreendida a partir da dramaticidade de uma tensão entre a vida que se tem e que se quer deixar de ter” (...) a bebida não os libertava das preocupações do dia-a-dia mas permitia-lhes contemplá-las como uma fantasia” (Pais, 2006:135-138)

O Inverno veio em grande

No Inverno ficava pelos squats e poucas vezes no escritório, uma vez que com o despejo do Salam concordou-se que em circunstâncias especiais os humanos *san-papiers* podiam ali ficar, quanto às circunstâncias, essas variavam conforme o activista e o humano *san-papier*, assim estava também a abrir espaço para indivíduos em piores condições do que eu, e sempre tive lugar na casa do S. outra das razões prende-se com a perda do hangar, era impossível descansar naquele espaço, algumas das actividades exercidas no hangar foram *transferidas* para o escritório e devido ao mau tempo apresentava-se como um óptimo espaço para passar o dia.

Era sempre das últimas a ir dormir, visto que só eu e o M. tínhamos a chave do escritório e da garagem, e logo, as nossas actividades eram condicionadas pela espera dos indivíduos, bem como os pequenos detalhes do dia-a-dia, ou seja, o meu dia acabava, quando os infortúnios acabavam, quando se havia encontrado lugar (apropriado) para todos ficarem, quando a busca por agasalhos terminava pelo dia (verdadeira epopeia), quando se sabia quem havia sido detido nesse dia e como resolver a situação, enfim, a quantidade de trabalho era bem pesada. Numa das noites frias de Inverno creio que umas quarenta pessoas lá dormiram, só no escritório ficaram (comigo incluída) seis pessoas, três activistas e três humanos *san-papiers*, na parte do dormitório era impossível entrar. Dirigia-me de bicicleta para o squat do S. por volta das duas, três da manhã, encontrei ou fui encontrada por seis sudaneses que haviam tentado cruzar, sem sucesso, e perguntaram-me onde ia ao que respondi que ia dormir, contaram-me o sucedido e que não tinham onde dormir. Liguei ao M. que sugeriu um local relativamente longe, ao qual nenhum de nós tinha vontade de ir, disse-lhe para organizar o escritório e que estas pessoas iam lá ficar, e assim foi. Neste dia acabei por ficar no escritório tal era a minha exaustão. Casos como estes eram frequentes, bem como os telefonemas a meio da noite por este ou aquele problema (foram detidos, chegaram a

Inglaterra mas não sabem o que fazer, não tem onde dormir, feridos e solitários, enfim, uma panóplia de situações).

S. é do sudão, só fala árabe e percebe um pouco de italiano, um dia levei do escritório o dicionário árabe-inglês/inglês-árabe e finalmente conseguimos perceber um pouco um do outro. Desde o Verão, embora com a enorme barreira linguística, desenvolveu-se uma amizade, um carinho e um cuidado com as dificuldades um do outro. Não encontro palavras para descrever como esta relação se criou, qual foi o factor que mais nos aproximou mas poria a minha vida nas suas mãos e sei que morreria por mim. S. foi meu médico e enfermeiro, no Verão devido à lesão na perna e no Inverno devido a minha tosse constante, sempre que me via a fumar dizia: “*Leila, piano... piano!*”. Uma situação caricata, foi quando S. pediu no *Secour Catholique sutiens*, uma vez que acreditava que a minha tosse, associada ao tabaco, tinha como causa o frio e a chuva e como não uso *sutien* o meio peito ficava desprotegido e o frio levava a melhor, contudo creio que esta não era a única razão, procurava proteger-me dos outros e das suas investidas, que, devido a choques culturais o não uso do *sutien* não se apresentava apropriado. Dizia sempre para descansar mais um pouco, de manhã aparecia com pão, queijo, marmelada e leite quente com nata e açúcar, mais do que o meu paladar estava acostumado. E havia maneira de lhe dizer não quero ou não quero mais? Não. Comia e calava! Quando a bicicleta do escritório avariou, “obrigou-me” a usar a dele e reparou a outra; estava a coser uma mala (com os meus dedos junto) e S. tirou-me e fê-lo ele. Sempre que chegava a casa à noite, quantas vezes por volta das duas, três ou quatro da manhã, S. acordava, preparava ou havia já preparado, algo para eu comer e literalmente, não me deixava ir para a cama sem ingerir algo, comida ou bebida. No Verão após um amigo da Etiópia me ter feito rastas, S. rindo perguntou por gestos e palavras se o R. havia bebido demais (obviamente que sim), começou então a pentear-me o cabelo e consegui desembaraçar as madeixas, a partir daquele dia, esta situação tornou-se num ritual; chegava, comia, penteava-me o cabelo e quando eu estava pronta ia ao quarto pôr-me o cobertor em cima.

Indaguei-me várias vezes se teria ou teve filhos e eu era/sou uma espécie de substituição. Quando lhe perguntei acerca da sua prole ou falta dela, respondeu-me que não, não tem ou teve filhos, apenas uma “*Donna*” que ficou em Itália e de quem se havia separado “*Finito!*”, mas nunca tirou a aliança.

A pouco e pouco fui percebendo que as suas rotinas, à luz da psiquiatria seriam entendidas como TOC (Transtorno Obsessivo-Compulsivo), (deveria aqui citar o DSM mas convivo frequentemente com um familiar ao qual foi diagnosticado o dito transtorno e as semelhanças são demasiadas), tudo tinha que estar no seu respectivo sítio, a verificação constante da porta, se esta estava trancada ou não, sendo que era sempre ele a fechar a porta, os rituais pareciam religiosamente feitos. Contudo, segundo a minha perspectiva, (com base na minha experiencia neste terreno) quando se considera os factores e eventos porque estes humanos *san-papiers* aqui se encontram e principalmente, as circunstâncias em que se encontram, encontra-se outra explicação, as portas necessitam estar trancadas para impedir a entrada da polícia e considerando ainda os traumas do passado; as coisas devem (têm) de estar no seu respectivo sítio uma vez que nunca se sabe quando é a próxima investida, quando terão de voltar a fugir “de repente”, quando tal acontece não há tempo a perder na busca de objectos e assim, se tudo estiver no sítio é “*pegar e andar*”.

Este squat foi dos poucos que se foi aguentando ainda que as raids e o assédio tenham sido constantes; na ultima os policiaos disseram que eles podiam ficar ali mas “No NoBorders”. O que todos (egoisticamente) ignoraram.

Também o hino mudou, agora eram as canções românicas de Laura Pausini (uma vez que a grande maioria *passa* por Itália ou então “*Billy jean*” nunca percebemos porquê, mas o R. ouvia a mesma música em *loop* durante o dia inteiro ou então lá vinham os “apaixonados” ouvir Leonel Richie enquanto o A., o humano *san-papier* que descrevi no capítulo- 4) me dizia constantemente “*a mi me gusta shakira, canta e baila mui ben*” e dava risadinhas o que tinha como resposta: “*tuá fu*”, “*malade de la tete*”, “*testa de galina*”, *testa rota*”... confesso que sou incapaz de escrever a versão árabe.

Introduzo neste capítulo parte de uma das histórias de vida que haviam sido escritas antes da mudança de tema e ainda, confesso a minha fraqueza como antropóloga e humana neste caso. Podendo voltar à definição de saúde, e afastando-me agora “*do carrossel da loucura*” consigo perceber a minha “insensibilidade” em relação a Pablo, e apesar das suas razões é necessário entender o meu estado de espirito e a minha relação com este fenómeno: o amor. Não pretendo menosprezar ou relativizar a sua dor, eu vi, (melhor, agora consigo ver), o seu sofrimento e o seu desespero. Se o compreendo? Ainda não. Mas...

“Como desenvolver uma sociologia de um fenómeno –o dos afectos – cuja natureza é, tantas vezes, secreta a misteriosa? Uma possibilidade é contemplar, precisamente, os contornos sociais e históricos que fazem com que os afectos tenham marcas do tempo em que são vividos. Por outras palavras, as maneiras de sentir – como as de pensar e as de agir, diria Durkeim – expressam-se através de uma subjectividade que se objectiva socialmente. Ou, como diria Norbert Elias, os afectos estão sujeitos a “modalidades de controlo” civilizacionais. Cada cultura, grosso modo, gera formas próprias de produção de afectos que, por sua vez, reflectem as circunstâncias históricas e sociais que os modelam. Não tenhamos dúvidas. As festinhas ou miminhos que conhecemos como gestos simples e individuais de afecto fazem parte de uma intimidade doméstica que ao deixa de ser padronizada por socializações que afectam socialmente afectos vividos subjectivamente. A maneira como lhe pego na mão, como lhe entrelaço os dedos, como lhe mordisco o lóbulo da orelha, são pormenores de afectos individuais mediados pelo social. São gestos que reflectem uma subjectividade dominante. (...) A falta de afectos, afecta porque, provavelmente, a afectividade vive, ela própria, numa encruzilhada de irrupções descontroladas de sentimentos subjectivos e, paralelamente, de forças sociais que tendem a sujeitá-la a uma disciplina normalizadora.” (Pais, 2006: 183)

Pablo, (no Verão), foi trazido ao escritório por um dos humanos san-papiers, um sudanês (U.) ao qual Pablo tentou pedir ajuda mas devido a problemas de comunicação, na medida em que o inglês de Pablo é imperceptível, o U. decidiu deixa-lo no escritório. Contou-me depois que Pablo estava no Salam *“completamente perdido”* e como ninguém falava espanhol não conseguiam perceber qual o seu problema e que realmente, não estavam muito preocupados com o *“malade de la tête”*.

Como era a única pessoa no escritório que falava (não sei se tanto) e percebia espanhol, lá o encaminharam para mim.

Pablo tem 28 anos e foi parar ao *limbo* por amor... nascido e criado em Sevilha, Espanha, com uma profunda veia e discurso religioso. O modo como age e dialoga reflectem uma intensa instabilidade, ansiedade, nervosismo e desespero. Tanto que muitas vezes estabelecia (para comigo mesma) comparações entre a sua postura e a dos migrantes *san-papiers*, que já ali se encontravam há mais tempo do que a memória quer recordar, chegando a conclusão que o seu caso parecia mais urgente que a própria

urgência. Trabalhava como carpinteiro em Espanha, e das nossas conversas nunca surgiu nenhum indício de este ou aquele problema que me pudessem fazer perceber o porquê, a razão, a explicação para a sua postura. Há que admitir, que cheguei ao ponto em que simplesmente já não o ouvia, tal era a sua insistência e principalmente, a sua postura de autocomiseração.

Pablo vinha preparado para ir para Londres como intuito de encontrar a sua amada, chegado a Calais logo se apercebeu que se tinha esquecido da documentação, o que o impedia de fazer a travessia legalmente. Então insistiu que iria de qualquer modo porque, aparentemente, a namorada (que o esperava em Londres) dizia-lhe: “*se me amas vens nem que seja a nado!*” e qual não era o medo de a perder que se decidiu a ficar em Calais e tentar fazer a travessia do mesmo modo que os restantes *san papiers*, contudo dormia no escritório. Pablo vinha carregado com duas enormes mochilas, nas quais tinha um computador, um telemóvel topo de gama, e vários outros itens de valor, mas todos tentam fazer a travessia apenas com uma muda de roupa. Perguntou-me se lhe podia arranjar uma mochila pequena e doou quase todos os seus pertences. Tudo isto num desespero incomensurável e ficou por em Calais por quatro dias a tentar e a tentar, enquanto eu lhe tentava fazer ver os riscos que esta decisão poderia acarretar, e confesso que os seus motivos me pareciam supérfluos, quando comparava a sua situação à grande maioria, à fatia de 99%. E como era a única que tinha a capacidade de o entender (linguisticamente) passou estes quatro dias sob a “minha alçada” o que me irritava deveras, devido à sua presença constante ao meu redor. Queixando-se sempre da sua situação e como era imperativa a sua ida para Londres. E, naquela altura, depois de ouvir histórias de pessoas que foram torturadas, furadas com berbequins, cortadas com lâminas de barbear, queimadas com cigarros, presas em determinadas posições durante dias, com os nigerianos na Africa House a queimarem os dedos com um ferro em brasa de modo a eliminarem as impressões digitais (sendo que segundo a lei, o requerente de asilo deve pedir este estatuto no primeiro país de entrada e a grande maioria tem impressões digitais registadas noutros países, principalmente em Itália), deparo-me com esta história. Outro dos factores que me incomodava solenemente era a sua relação com Deus. Nove de dez frases eram sobre Deus e com uma pseudo moral cristã que eu não consigo entender. Apologizando a salvação através da fé!

Tentei sempre não demonstrar este lado, dado as condições (ou falta delas) em que Pablo se encontrava, mas vingava-me no diário.

Excerto do diário de campo

“ó pá mas agora eu é que tenho que aturar o caralho do espanhol?! Foda-se alguém que tome conta dele! O gajo passa o dia atrás de mim, não consigo fazer nada (...) mas eu tenho cara de assistente social?! Passa a vida a falar da porra da namorada e eu que o ature! Também não sou conselheira sentimental! (...) É mesmo marado hoje disse-me que queria dar-me uma coisa, porque eu o ajudei. Qual não é o meu espanto quando o gajo tira, literalmente, dezenas de terços/rosários, e me diz que aqueles são especiais porque provêm de sítios sagrados. Acho que o gajo anda a roubar os terços nas igrejas (...) lá acedi para não o aturar mais. Não tive coragem de lhe perguntar a proveniência (...). Se me vem falar outra vez de Deus mando-o para junto do seu salvador! Não há pachorra é como aturar uma criança que em vez de falar do Noddy e da escolinha, só fala da necessidade que tem de partir e da porra da salvação divina! Puta que o pariu!

Creio que este excerto é bastante explanatório dos meus sentimentos em relação a Pablo naquele momento.

Passadas quatro noites a tentar, ou a tentar tentar, decidi ir a Paris pedir para emitirem um novo passaporte. Voltou da cidade das luzes e partiu ao encontro da sua amada. Pensei que era o final desta história mas eis que três meses depois ele regressa a Calais.

Este “segundo” encontro com Pablo (no Inverno) pode apenas ser analisado através do meu diário de Campo e diário pessoal, uma vez que este estudo de caso, particularmente, interferiu muito com o meu estado emocional.

Excerto dos diários

Hoje tivemos um dia de merda, já ninguém se aguenta. Todos tentamos parecer fortes mas a verdade é que o Inverno mandou embora a “leveza” do Verão. Houve merda na Africa House (...) aparentemente o K. deu com um ferro nos cornos do N. mas como sempre, ninguém sabe ou viu nada, é o K. o N. contou-me que ouviu discussões (...) depois já o N. estava no chão, agora está em coma e sabe-se que está cego de um olho mas não sabemos mais nada. Não há cobertores, hoje andei três horas de bicicleta à procura da porra da casa do gajo que poderia resolver essa situação,

tenho de me perder aqui, o gajo não era nada do que estava à espera. Com os seus 40, bastante simpático e deveras intrigante, se tiver tempo ainda tento fazer a história de vida deste caralho. Convidou-me a entrar para discutir a situação, oferece-me chá, e para não parecer cortesia aceitei disse que sim. Fez uma chávena para mim mas não para ele, perguntei se ele não bebia e respondeu-me: “Não, eu odeio chá”, fiquei a pensar que porra, eu aqui a beber esta merda quando podia ter sido honesta. Revelou-se um ser bastante caricato, fomos para o seu quarto, minúsculo, uns 2 por 4 metros, qual não é o meu espanto quando vejo ali um poster gigantesco de uma mulher avantajada, em biquíni, o primeiro impacto foi de facto atordoante e tentamos evitar a presença da mamalhuda na sala, o resto do micro quarto estava recheado de livros, vi uns quantos de Freud e começamos a discuti-lo, passando por Lacan e obviamente Foucault. Já nem sei as voltas que a coisa deu mas ficamos ali na conversa um bom par de horas. (Penso que o simples facto de estar “fora” da esfera de acção me deixava mais relaxada) Confessou-me que gostava de ter nascido mulher e como se sentia e porque. (...) quando fomos para X para buscar agasalhos parece ter iniciado uma competição contra mim, senti que estava a tentar vingar-se de mim por ser mulher, parecia dar-lhe um gozo tremendo ver-me a sofrer na puta da bicicleta a tentar acompanhá-lo, e depois com as caixas (...). No escritório (por volta das 15h) já estava tudo bêbado (com bens do armazém) (...) estávamos à porta do escritório (...) o R. e o O. começaram a discutir, ainda não percebi porquê e era eu no meio a separá-los, depois começa o K. e o S. a discutir por minha causa (pelo que entendi o S. não gosta que o K. esteja tao próximo de mim, porque o S. “Era meu amigo antes do K.” Então (...) torno-me propriedade), começo a gritar pelo Miguel que estava no Hangar e ele vem separa-los (...) depois dos ânimos acalmarem lá fora, entramos no escritório e estão todos aos gritos, o D. lembrou-se de proibir o pessoal de ir à rua como fazendo reféns (havia a diretriz para manter a porta sempre fechada, devido às últimas investidas da policia, e tudo o que fosse dito por mim ou pelo Miguel era entendido pelo D. como ordem a não questionar, uma vez que o Miguel era o chefe do escritório e eu a chefe do Miguel), a R. estava a chorar a um canto (...) o C. estava atrás da porta (...) todos com os olhos a reflectir medo. Depois começa uma nova discussão entre todos apontando para a necessidade de “arranjar uma alternativa viável” para o D. (...) O gajo da Belle Etoile decidiu embirrar comigo (...) e ó c’um caralho foi para ali um carnaval do caralho (dias mais tarde, a Belle Etoile decide não dar comida aos activistas) (...) aparentemente as relações entre os activistas e esta instituição católica, uma vez que os nossos métodos são visto como demasiado radicais e eles são a merda de uma instituição humanitária que é paga para exercer acções de solidariedade (...). Estou eu e M., sentados na janela da igreja (...) quando de repente me diz ele: “Olha quem vem ali!”, começou logo a rir-se. Olho para o lado e vejo o caralho do espanhol que vinha completamente todo fodido, o gajo estava mesmo com um olhar tresloucado e parecia que tinha passado três dias a dar na coca, começa logo a contar a segunda parte da história, o Miguel não aguenta e mete-se no escritório e então lá fico eu sozinha a tentar parecer séria. Diz o gajo que ficou três meses a dormir na rua em Londres, que lhe ligava e mandava mensagens todos os dias mas que ela arranjava sempre uma desculpa ou então nem sequer respondia. Procurava-a todos os dias mas

em vão, um dia viu-a passar na rua e correu atrás dela mas não a conseguiu apanhar. Arranjou emprego em Londres como soldador, uma vez que “não tinha o que comer e só fui com uma roupa, os meus sapatos estavam todos rotos”, até que se apercebeu que estava numa de “D. Quixote”. A decisão de retornar a casa, para além da indiferença da sua namorada, teve como gatilho o facto da namorada ter posto fotografias no Facebook, acompanhada do novo namorado. Até este altura, convenientemente não mencionou, que nem sequer a conhecia, que nunca havia estado com ela pessoalmente mas que se conheceram via Twitter e conversavam pelo Skype. Que ela frequentemente o convidava e insistia para que ele fosse visitá-la, porque já chegava “de namorar à distância”. A sua conclusão: “vou voltar para a minha família e entregar a minha vida a Deus!”. Tudo me parecia surreal, o gajo tem uma pancada do caralho... quando entrou no escritório fiquei agarrada a barriga e não conseguia conter as gargalhadas.

Em relação a este caso, socorro-me de Pais, uma vez que a sua perspectiva foi a melhor encontrada para a discussão deste caso, este por sua vez/ uma vez que este sob o alerta de Weber apontando para o facto que o concomitante desencanto com o mundo e a crescente racionalização no campo das relações sociais eram, de algum modo, corolário dos avanços técnicos. Sugerindo que as comunicações on-line actuavam como antídoto ao atomismo da sociedade, questionando-se se haverá uma revigoração no “eu social” conectando afinidades electivas às ligações afectivas. Sendo que o computador deu origem a uma nova forma de comunicação, que tem como cunho a “*síntese entre o símbolo e o acto, a representação e a acção*”(Pais, 2006:201)

“(...) Busca-se no virtual a realização de desejos insatisfeitos no real? (...) E no caso mais particular dos afectos amorosos: como é que dois cibernautas se apaixonam? (...) Quais os efeitos sobre a construção das identidades dessas novas formas de interacção social mediadas por um ecrã de computador?” (Pais, 2006: 186)

Enfim, o Inverno trouxe ao de cima o pior e o melhor de todos nós, tudo parecia e era mais difícil.

Foi introduzida esta semi-história de vida para demonstrar que não só os humanos *san-papiers* de países de terceiro mundo, mas também europeus, neste caso Pablo e M., cidadãos Europeus que tem como forças motoras outras razões que não se prendem com o receio de perseguições ou ameaças à sua vida. Contudo não considero estes dois casos menos válidos, e serem cidadãos europeus não significa que fiquem impunes às dificuldades que tal acarreta bem como às consequências de permanecer no Limbo.

Define-se então migração como: “ *o processo de mudança social através do qual um indivíduo se move de um cenário cultural para outro com o propósito de estabelecer-se permanentemente ou por um período prolongado. Tal mudança pode ser devido a um numero de razoes, geralmente económicas, politicas ou por aperfeiçoamento cultural*” (Bhugra e Jones, 2010:15)

6. DIFICULDADES DO TERRENO

Embora o cenário não tenha sido tão dantesco quanto esperava, a estadia em Calais no âmbito do desenvolvimento deste projecto teve bastantes consequências, tanto físicas como psicológicas. Talvez não estejam pela ordem de gravidade em que as coloco mas nenhuma é menos importante.

Começo mencionando a diferente abordagem cultural em relação ao papel de cada género. Tive inúmeras discussões por me tratarem como a “mulher”, que deve ser submissa e obediente. Discuti e gritei mesmo com vários humanos *san-papiers* que passavam os meus limites, as minhas fronteiras (grande ironia), tratando-me como criada e (tentando) dar ordens, certa ocasião empurrei violentamente um amigo contra a parede (cansada de tanto assédio), e gritei-lhe: “*you talk with me like this because i’m a girl but i’m not afraid of you*”, no dia seguinte trouxe-me uma pulseira, como modo de pedir desculpa. Outra das situações que penso ter sido bastante destacada neste projecto prende-se como mencionado, com questões relacionadas à sexualidade que confesso, deixou umas quantas mazelas, chegando a sentir-me apenas como um potencial depósito de sémen. Contudo

“ Para um imigrante, a matriz cultural do seu grupo de origem é resultado de uma evolução histórica ininterrupta que está presente na biografia pessoal de quem foi socializado nos marcos dessa matriz cultural. Por estas razões (...) trazendo na bagagem pautas culturais do grupo de origem que colidem com outras que lhe são estranhas.” A validade desse conhecimento baseia-se num consenso pré fabricado que tende a opor “nós” (...) a “eles”, sem reconhecimento das múltiplas clivagens que podem existir entre “eles”. Em consequência, esse tipo de conhecimento não pode ser verificado ou refutado pelo imigrante antes que tenha oportunidade de o confrontar com as respostas que “eles” (os do país de acolhimento) possam dar em concretas situações de interacção. “Eles”, aliás, tendem a considerar esse conhecimento como insensível e irresponsável, queixando-se dos preconceitos, parcialidades e mal entendidos que grassam na cabeça dos imigrantes.” (Pais, 2006: 331-336)

Frequentemente pensei em desfazer-me do passaporte, pela desigualdade e hierarquia que tal cria entre os activistas ou antropólogos e os humanos *san-papiers*, segundo a lógica de que “*se eles não têm eu também não devo ter*” pela vontade de entrar num camião e viver a experiência na íntegra, por solidariedade aquando das inspecções da polícia, mas sobretudo, pela repetição de frases ditas pelos humanos *san-papiers* no qual um papel abria um hiato enorme entre o entendimento e aceitação, recorrendo várias vezes à autovitimização como modo de atingirem os seus objectivos ou então apenas para magoar.

Em Calais, tanto no Verão como no Inverno, dormia em média umas quatro horas devido as actividades como activista e etnógrafa. Senti-me cansada e frustrada por não ser capaz de fazer mais. Quantas histórias assombrosas ouvi e vivi, quantas “simples” perguntas me abalavam profundamente, como o simples exemplo: “*Quando vou viver numa casa com luz?*” O que se reflectia no Verão pela minha perda de peso chegando aos 42kg e a minha incapacidade de parar e avaliar em que ponto estava. No Inverno não emagreci, mas passei três semanas só a comer pão (à excepção do que o S. me impingia) e nesta altura cheguei ao ponto de ruptura, de negação, raiva, frustração e sentimentos de impotência. Durante três anos não bebi álcool (o historial não é bom) e foi em Calais no Inverno, que recomecei.

A primeira despedida, no Verão foi deveras dolorosa e ouvia e havia o sentimento de: “*Tu podes ir e eu não!*” e a sensação é indescritível, despedi-me mas bastantes fizeram questão de me levar ao carro e ver-me partir, quando olhei vi os meus amigos, alguns em lágrimas e outros com faces pesadas, virei a cara e parti. Levando comigo a dúvida, a incerteza do ter ou do dever de ficar, de voltar ou não a revê-los. Pensava o que lhes sucederia e durante o tempo que estive ausente as chamadas eram imensas, a necessidade de mais informação tornou-se doentia, geograficamente estava longe de Calais, emocionalmente nunca dali tinha saído. No Inverno a minha situação piorou consideravelmente.

As discussões foram muitas, tal como os mal entendidos e as lutas, contudo também as amizades, os bons momentos, o colo e consolo foram em grande escala.

Calais continua em mim, não sou muçulmana mas também digo *bismilá* antes de comer ou beber, se espirro sai um *A'hlmdelilah* e uso frequentemente as expressões *incha 'alha*, bem como *h'aram* ou *allal*, *iala iala* ou *eimxi eimxi*, não sei se é assim o modo correcto de o escrever mas sei qual o seu modo de sentir, e que erros ortográficos nada são.

Neste momento sinto-me incapaz de retornar a Calais.

7. Projectos futuros

No decorrer da pesquisa fui-me apercebendo e apaixonando por novos tópicos a explorar, tópicos com enorme relevo para melhor compreensão desta unidade.

A idealização de Inglaterra como a terra prometida relembra o chamado “*American Dream*”, a grande parte dos humanos *san-papiers* que se encontram em Calais não têm nenhuma noção do que vão encontrar (salvo os já retornados a Calais), é comum ligarem e dizerem: “*Estou em Inglaterra... o que é que faço?*”

“A experiência ensinou-lhe que, para se adaptar, não podia limitar-se a um conhecimento aproximado por “trato directo” de pautas culturais que lhe eram estranhas; nem podia confiar num vago conhecimento “acerca de”, informado por meras e dispersas “dicas” apreendidas quando começou a equacionar a possibilidade de emigrar. Necessitava aprender e cultivar um “conhecimento explícito” das novas pautas culturais, indagando não somente o “como” do seu funcionamento mas também o “porquê”. Os “perfis de significatividade” do imigrante variam radicalmente dos que os que são partilhados pelos membros da comunidade de destino.” (PAIS, 2006: 342)

Mas continuam a perpetuar o sentido de que estão bem, a salvo, com dinheiro e felizes, como um caso de uma amigo *san-papier* que quando falava com os pais não dizia que estava a dormir na rua, brincava e dizia que estava no *Hotel Salam*, nunca aceitou roupas da garagem ou provenientes de outras fontes. Dizia, frequentemente, que queria esquecer a vida que levou em Calais. Gostaria de aprofundar a fundo a razão do “*British Dream*”, não esperando como resposta: “*Toda a gente vai para lá*” ou “*porque falam inglês e nós também*” (devido ao legado colonial).

“A posse de um desejo não satisfeito é compensada pela espera da sua concretização, ainda que a sua consumação seja normalmente desilusionante, uma vez que a realidade tende a desconfirmar a perfeição dos desejos sonhados.” (Pais, 2006: 219-220)

Outro assunto que considero deveras interessante é a relatividade do *H'aram* (pecado) e do *allal* (não pecado) uma vez que indivíduos oriundos da mesma zona apresentam diferentes comportamentos e diferentes abordagens em relação aos deveres como muçulmano. Há casos em que consideram: “*para mim é H'aram para ti não.*” Situações em que os indivíduos nem sequer tocavam em algo considerado *H'aram*, uma

ocasião pedi a U. para me passar a minha cerveja ao que ele me respondeu muito atrapalhado: “*Desculpa Leila, H’aram.*”, outros que não consumiam ou ingeriam algo considerado *H’aram*, frequentemente traziam para o escritório sendo que como não era para uso próprio não é *H’aram*. Os que ingerem ou consomem algo *H’aram* tendem a responder: “*Alla entende que não consigo parar*” (em relação ao tabaco); “*Alla percebe que preciso*”. Uma das vezes foi-me dito que vou para o inferno mas que fico nas *primeiras camadas* porque sou boa, a pessoa que me disse isso tem atitudes e dialogo profundamente fundamentalistas, depois disse-me que pedia a *Alla* para me visitar no inferno.

Finalmente, gostaria de desenvolver um projecto mais complexo e com maior duração, com o intuito de trabalhar com os migrantes *san-papiers* mas fazendo o acompanhamento do que sucede após a travessia, de todos os pormenores e dificuldades adjacentes ao pedido de asilo no Reino Unido, nomeadamente a nível legislativo e avaliação das circunstâncias de adaptação ao novo país.

Conclusão

“os governos dos Estados Membros tentam, a todo o custo, encontrar novos procedimentos, novas formas de combate e instrumentos jurídicos capazes de aniquilar o uso e abuso do instituto de asilo” (Rodrigues, 2006: 2) acabando por esquecer o indivíduo.

“Ao lamentar o espaço perdido, o refugiado fica preso entre mundos que o rejeitam de diferentes maneiras: preso por um lado a um espaço e um tempo aonde não pode regressar; por outro ao mundo actual com referentes que desconhece e que tornam penoso o seu quotidiano, agravado pelas carências materiais, pela barreira linguística, pela quase impossibilidade de exercer a profissão de origem; e ainda a um outro mundo dificilmente perspectivado num futuro sem calendário marcado, como Janus (deus da mitologia romana), deus das passagens, do fim e do começo, representado por duas cabeças que olham simultaneamente o passado e o presente, num constante e duplo sistema de referências.” (Pusseti et al., 2009:94)

O migrante representa assim alguém sem lugar, e as políticas, ao invés de contribuírem para a sua integração ou atenuação dos problemas funcionam de modo contrário alimentando imagens estereotipadas em relação ao “outro”, aumentando o clima de hostilidade e discriminação, começando pela acção dos media e obviamente refletindo-se nas políticas relativas à migração apontando o outro como “clandestino” ou “ilegal” confundindo a consciência pública e rotulando o migrante como criminoso, desviante e delinquente, ainda associado à falta ou indefinição relativamente ao seu status. Devendo nunca esquecer o passado colonial que aviva preconceitos (Pusseti, 2009: 30-32) e a *“afirmação institucional do estigma social pode potenciar retóricas de criminalização dos imigrantes” (...)* que resultarão na diminuição da equidade social e económica, bem como a margem de afirmação e acção política dos indivíduos (...) práticas de controlo e inculcamento de estruturas e valores sociais no indivíduo – assim subordinado e objectificado – e a sua legitimidade promove a expansão de formas discriminatórias, como racismo e exclusão. (Pussetti et al, 2009: 117-118)

O humano *san-papier* vê-se despojado de tudo o que lhe é familiar e é vítima constante de preconceitos e discriminação, representando apenas um número, não sendo considerados os problemas a que este está e esteve sujeito sendo esta questão ainda fortemente agravada pela falta de redes de apoio bem como o seu declínio socioeconómico, as barreiras linguísticas e institucionais e ainda a perda de identidade e

a segregação social associada ao choque cultural, sendo o migrante representado como o ser *problemático*, tudo sendo reduzido ao factor económico. (Pussetti *et al.*, 2009:70)

Situando-se a intervenção humanitária principalmente num não lugar, o governo humanitário pode funcionar como uma ferramenta de deslocamento agindo sob e através de políticas de espaço, levando ao “governo dos homens” ou seja ao seu controlo. Este dispositivo humano actua tanto em Estados-nação do Primeiro Mundo como em Estados-nação mais frágeis, uma vez que ambos “têm todo o interesse em promover o humanitário como governo indirecto (e amplamente privado) dos subnumerários, resíduos excedentes da nova ordem mundial”, *mais, os espaços de intervenção humanitária, nomeadamente os campos de refugiados- “a forma espacial dessa intervenção”*, sendo no fundo lugares de segregação. (Agier, 2012:13)

Segundo Pussetti, o acto de migrar ou o dito processo migratório é por si mesmo um factor de risco uma vez que o indivíduo se encontra mais vulnerável, enumerando-se assim elementos de perda e consequentemente factores de stress: a família e amigos, a língua, a cultura, a propriedade, a posição social e/ou o contacto com o grupo étnico e religiosos realçando-se problemas na assistência no âmbito da saúde agravados tanto pelo percurso como pela “exposição quotidiana a formas de discriminação. Desta maneira, os indivíduos ficam ainda mais susceptíveis a debilidades de saúde devido à sua precária situação socioeconómica, bem como a marginalização e a “ilegalidade” em sintonia com a falta de apoio adequado. O migrante tende a ser rotulado como um grupo de contágio, com higiene insatisfatória, normalmente ambíguo ou desviante, portador de desordem social e de doenças “exóticas”, “infecciosas”, “estranhas”. O imigrante, ameaça potencial da ordem moral, política, económica e simbólica constituída, é um perigo: a sua presença – ou ainda melhor, a sua dupla ausência – assusta e contamina (Pussetti *et al.*, 2009:30-31). Focando a título de exemplo, a higiene insatisfatória, não foi de todo o que encontrei em Calais, apesar de ter ocorrido vagas de sarna, considerando as condições em que o governo francês e britânico nos colocam, em que se dorme onde se consegue e se usa o que se encontra, os humanos *san-papiers* que lá encontrei dedicavam-se mais à higiene pessoal do que a maioria dos activistas. Em relação à moral ambígua, devo começar por indagar o que tal significa uma vez que todos somos potenciais alvos de rotulação de moral ambígua, recaindo aqui a critica aos nobres cidadãos franceses que parecem erradicar a história e abafar o próprio lema “Liberdade, fraternidade e solidariedade. Em relação ao ultimo ponto qual poe o

humano *san-papier* numa posição de ameaça à ordem tal vai ao desencontro do que aparentemente tao rotineiramente se acredita e realço a possibilidade de se (sobre)viver em míseras condições e sobreviver a todo o flagelo adjacente.

Em fevereiro de 2013 foi aberto um novo espaço. A policia (PAF e CRS) teve ordens para desalojar o edifício, contudo esta tentativa não foi bem-sucedida, os ocupantes forçam a cidade, que detém o poder sobre este edifício, a requerer um mandato judicial, sendo o principal motivo o “ganho de tempo” mas também, para que, caso este seja desalojado deve ser feito de modo oficial e legal, informando nomeadamente, o dia do desalojo.

Este edifício tem conseguido evitar a entrada da polícia. À porta foi colocado uma nota legal uma vez que caso o edifício tenha sido ocupado por 48 horas, o proprietário do edifício deve entrar com o pedido de processo em tribunal e a partir destas 48 horas (caso consiga ser provado) as autoridades não podem (teoricamente) entrar sem o parecer do tribunal.

Este edifício serve agora alguns dos propósitos do antigo escritório e hangar como as aulas de línguas, actividades como jogar cartas ou xadrez, informações acerca do pedido de asilo e explicação de leis em vigor em França e em Inglaterra e direitos dos humanos *san-papiers*.

“Thus greater importance is ascribe to the suffering body than to be threatened body, and the right to life is being displaced from the political to the humanitarian arena. It is more acceptable for the State to turn down an asylum claim, declaring it unfounded, than to reject a medical opinion recommending a temporary legal permit for legal permit for health reasons.” (Fassin, 2001;4-5)

Em Calais encontram-se ruas inteiras desabitadas, bem como o hospital que fechou em Novembro de 2012. Neste momento sinto-me incapaz de retornar a Calais mas socorro-me e divulgo o apelo:

If there was a place for new migrants to stay it would give people a better chance for a better future. In Calais there is no-where for migrants to sleep.

If we are kicked out of this house out we have no-where to go. We are without family in Calais and do not have other places to stay.

This house gives us a chance for people from different countries and different cultures to stay in one place together off of the street.

If we are given a chance we want to live together with people in Europe.

All people living in this house have run away from problems in different countries. We did not leave our country for nothing.

And this is the only home we have now.

If you can help us, give us more time, more space and more chance.

The people living here do not have any money, and it is not life here.

No money to rent a house. And we cannot rent anywhere without papers.

This is the only place we can stay.

We live in a little hole right now. We are like mice running from cats. Don't close this hole.

We thought Europe would be a paradise, but don't change paradise to hell.

It can be a long day in Calais. There is too much cold outside and inside the house. The weather is difficult and there is no-where to put our head. We sleep on the floor, underground and aboveground.

And inside us we have too much problems.

Here there is water, a toilet but no shower. Before there was electricity but now we use candles at night.

We buy a can of tomatoes for 250g and cook it with pasta or rice to make food for everyone everyday. But it is not enough. There is not coffee or tea or sugar for the people. Only water.

We live our lives in a queue, everywhere. For food, for shower, for toilet, for prefecture, for everything.

France is a big country and has a history that says they know human rights for people from Third World countries. Where are the human rights?

We want people from France to care about us and about our problems and help find a solution for our life and troubles.

And to give us emotions and happiness for our lives.

People can fall into crime if you don't care about us.

If people do not give a hand to us we will fall deeper into problems.

We are all people. Everyone should have a good life and a chance in life.

Our life is not over but it is not easy. We tried to leave problems and we find more problems. There is no justice.

We need people to open a new gate for a a new family in Europe.”(NB in CMS, 2012)

Carta Aberta escrita e assinada pelos ocupantes do edifício.

BIBLIOGRAFIA

- Berk, S. 1985. *Years of Crisis, Year of Hope: Russian Jewry and the Pogroms of 1881-1882.*, Greenwood.
- Bhugra, D.; Jones, P. 2010. Migration and Mental illness. In, Bhattacharya, R.; Cross, S.; Bhugra, D. *Clinical topics in cultural psychiatry*. London, The Royal College of Psychiatrists. P. 15-26.
- Bonavides, P. 2003. *Curso de Direito Constitucional*, 13ª ed. São Paulo: Malheiros.
- Boswell, C. 2003. *European Migration Influx: Changing Patterns of Inclusion and Exclusion*. Oxford, Blackwell, p.53.
- Braveman, P.; Kumanyika, S.; Fielding, J.; LaVeist, T.; Borrell, L.; Manderscheid, R.; Troutman, A. 2011. *Health Disparities and Health Equity: The Issue Is Justice*. American Journal of Public Health. Sup. 1, Vol. 101, n.º. S1.
- Buss, P. 2011. *Determinantes Sociais de Saúde*. Brasil, Canal Saúde.
- Foucault, M. 2002. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal.
- Geertz, C. 1978. “Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura”. In *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.
- Giraudon, V. 2004. *"Immigration and Asylum: A High Politics Agenda"*. In *Developments in the European Union*. London, Palgrave Macmillan. p.162.
- Helton, A. 2002. *The Price of Indifference*. Oxford, Oxford University Press. p.10.
- Huysmans. 2006. *The Politics of Insecurity: Fear, Migration and Asylum in the EU*. New York, Routledge. p.66.
- League of Nations. 1933. “Article 3”. In *Convention Relating to the International Status of Refugees.*, Treaty Series Vol. CLIX No.3663.

- Nietzsche, Friedrich. 2008. *Humano, Demasiado Humano: Um Livro para Espíritos Livres* / Friedrich Nietzsche. Paulo César de Souza [trad.]. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 363 p. vol. 2 ISBN 978-85-3591-307-1
Título original: *Menschliches, Allzumenschliches. Ein Buch für freie Geister.*
- Organização Mundial de Saúde (OMS). 2002. *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Organização Mundial de Saúde.
- Organização Mundial de Saúde (OMS). 2010. *Relatório Final, Redução das desigualdades no período de uma geração. Comissão para os determinantes sociais da saúde*. Organização Mundial de Saúde.
- Pais, M. 2006. *Nos rastros da solidão*. Deambulações sociológicas. Ambar.
- Pessoa, F, (Bernardo Soares). 2000. *O Livro do Desassossego*. Abril/Controlejornal. Linda-a-velha.
- Pusseti, C. 2009. “Biopolíticas de saúde Mental – Medicalização, Cultura e resistência: Corpos em trânsito e sofrimento psíquico”. In: Pusseti, C.; Ferreira, F. J.; Lechner, E., Santinho, C. *Migrantes e Saúde Mental – A construção da competência cultural*. Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Santos, A. 2013. *As principais motivações para a migração internacional - o caso do Marrocos para a Espanha*. Leviathan, Cadernos de Pesquisa Política, n.º 6, p. 92-113.
- Santos, B. 1997. *Por uma concepção multicultural de direitos humanos*. Revista Lua Nova, n.º 39. São Paulo, CEDEC.
- Sarlet, I. 1998. *A eficácia dos direitos fundamentais*. Porto Alegre: Livraria do Advogado.
- Teitgen-Colly. 2006. *The European Union and Asylum: An Illusion of Protection*. Common Market Law Review 43.
- UNHCR. 2000. “The State of the World's Refugees 2000: Fifty Years of Humanitarian Action”. In *The early years*. p.15

- Zetter, R. *More Labels, Fewer Refugees: Remaking the Refugee Label in an Era of Globalization.*, *Journal of Common Market Studies* 38(5): 752.

Websites consultados:

- Agier. 2002. *Refugiados diante da nova ordem política*. Universidade de S. Paulo, Tempo Social. [Online]. Vol. 18, n.º 2. [Consultado em, 04.04.2013]. Disponível em, <http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a10v18n2.pdf>.
- Agier, M. 2012. *Uma exceção redobrada. Espaços, tempo e autores do governo humanitário*. [Online]. [Consultado em, 21.04.2013]. Disponível em, <http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media/2artigo11.pdf>.
- Braveman, P. 2010. “Social conditions, health equity, and human rights”. In *Health and human rights*. [Online]. Volume 12, n.º 2. [Consultado em, 06.03.2013]. Disponível em, www.hhrjournal.org.
- Consensusdecisionmaking. 2013. Calais Migrant Solidarity. [Online]. [Consultado em, 16.04.2013]. Disponível em, <http://calaismigrantsolidarity.wordpress.com/>.
- Foucault, M. 1977. *Eu Pierre rivièrre que degolei a minha mãe, minha irmã e meu irmão*. [Online]. Rio de Janeiro, Eedições Graal. [Consultado em, 17.05.2013]. Disponível em, <http://www.unhcr.org/protect/PROTECTION/3b66c2aa10.pdf>.
- Goday, A. 1995. *Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais*. [Online]. [Consultado em, 12.02.2013]. Disponível em, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004&lng=pt&nrm=iso.
- Grupo de 4 de MIE. 2007. *Estudo de Caso*. [Online]. Universidade do Minho. [Consultado em, 14.02.2013]. Disponível em, <http://grupo4te.com.sapo.pt/mie2.html>.
- Kirby, E. (2012). Calais after Sangatte: The migrants ‘worth less than cattle’. [Online]. BBC News, Calais. [Consultado em, 23.05.2013]. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/news/magazine-20356446>.
- Noronha, R.; Noronha, J. 2006. *Políticas de Asilo e de Direito de Asilo na União Europeia*. [Online]. Centro de Estudos de Economia Aplicada do Atlântico e

- Universidade dos Açores, Working Paper n° 14/2006. [Consultado em, 14.04.2013]. Disponível em, <http://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/1149>.
- ONU. 1948. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. [Online]. [Consultado em, 22.02.2013]. Disponível em: http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm.
[acedido em 12.05.2013](#).
 - Pais, J. 1995. *Durkheim: das Regras do Método aos métodos desregrados*. [Online]. *Análise Social*, vol. XXX (131-132), p. 239-263. [Consultado em ____]. Disponível em, <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223379752G0pNL5kr6Sk58JQ6.pdf>.
 - Pinto, A. s/a. *Direito de Asilo na União Europeia*. [Online]. [Consultado em, 29.01.2013]. Disponível, http://www.adee-coimbra.net/congresso2011/artigos/Ana_Pinto.pdf.
 - S/a. 2013. Itaú Cultural. [Online]. [Consultado em, 26.04.2013]. Disponível em, http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/itau_pdf/001727.pdf.
 - <http://www.bbc.co.uk/news/magazine - 20356446>.

